O espírito e a letra

Santo Agostinho

O espírito e a letra

Santo Agostinho

Capítulo I

Uma coisa pode ser possível, mesmo que não haja um exemplo dela.

Caro filho Marcelino, você leu os opúsculos que eu há pouco enviei a você e nos quais que tratei do batismo das crianças e a perfeição da justiça que nenhum ser humano jamais possuiu e não possuirá jamais, excetuando, no entanto, nosso soberano Mediador, que sofreu todas as enfermidades da carne, com exceção do pecado.

Mas eis que você me escreve para me contar do espanto que lhe causou uma frase do último livro desta obra, na qual eu afirmei que, com exceção Daquele em quem todos somos vivificados[1], ninguém, nesta vida, foi e jamais será sem pecado, embora, de uma maneira absoluta, seja perfeitamente verdadeiro dizer que, com a ajuda da graça e uma boa vontade o ser humano possa ser sem pecado.

Você acha um absurdo afirmar que uma coisa que jamais aconteceu seja, no entanto, possível. No entanto, você nãoignora que o Salvador falou de um camelo que passaria pelo buraco de uma agulha[2], embora você saiba muito bem que jamais esse fato se realizou.

---

[1] Cf. 1 Coríntios 15: 22.
[2] Cf. Mateus 19: 24-26.

Você leu também que doze legiões de anjos teriam combatido por Cristo, para impedi-lo de sofrer[3] e, no entanto, isso jamais aconteceu. Você leu ainda que uma morte geral e simultânea teria podido exterminar todas as nações da terra que foi dada aos filhos de Israel[4], embora Deus as tenha exterminado sucessivamente, uma após outra.

Enfim, poderíamos citar milhares de passagens que nos apresentam como possíveis coisas que, no entanto, ficaram sem exemplos. Por que então não admitiríamos igualmente que uma pessoa possa ser sem pecado, mesmo que ninguém nunca o tenha sido, com exceção Daquele que possuía não apenas a natureza humana, mas também a natureza divina?

Capítulo II

Um perigo maior ainda é negar a necessidade da graça.

Você vai, sem dúvida, me responder que a possibilidade desses prodígios que acabo de relatar repousa unicamente no pode divino, enquanto que isenção do pecado é obra humana; obra, de todas, a melhor, pois resultaria em uma justiça plena, perfeita e, em todos os pontos, absoluta.

---

[3] Cf. Mateus 26: 53.

[4] Cf. Deuteronômio 31: 3. *O Senhor, teu Deus, passará diante de ti; ele mesmo exterminará essas nações para que possuas a sua terra*.

Segue-se daí que, se o ser humano pode realizar essa perfeição, seria um erro acreditar que não houve, que não há ou que não haverá ninguém para fazer dessa possibilidade uma realidade impactante.

Não esqueça, no entanto, que, se essa perfeição é obra humana, ela é também obra de Deus, pois, diz o Apóstolo: *É Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar*[5].

Capítulo III

É um erro de otimismo, mas não um grave erro, acreditar na existência de um ser humano isento absolutamente de todo pecado.

Por conseguinte, não é o caso de se mostrar muito severo com relação àqueles que afirmam que há ou que houve pessoas que viveram aqui embaixo sem pecado. Não os pressionemos para citar exemplos, pois me parece claramente definido pelas santas Escrituras, que nenhuma pessoa que vivendo sobre a terra, embora usando de seu livre arbítrio, poderia estar sem pecado.

Este é, em particular, o sentido desta passagem: *Não entreis em juízo com o vosso servo, porque ninguém que viva é justo diante de vós*[6].

[5] Filipenses 2: 13.
[6] Salmo 142: 2.

Talvez se tente desviar do seu sentido natural estas palavras e outras semelhantes, para provar que algumas pessoas puderam viver aqui embaixo sem pecado. Mas, contanto que não sejamos feridos pelo espinho da inveja, nós os felicitaremos por sua felicidade e longe de nós os colocarmos como nossos inimigos.

Seja como for e apesar da certeza que tenho de que essa perfeição não foi, não é e não será atributo de nenhuma pessoa sobre a terra, não deixo de dizer que aquele que afirma a opinião contrária comete um erro sem gravidade alguma e se engana mais por excesso de benevolência do que pelo desejo de prejudicar. Desde que ele não tenha chegado ao ponto de atribuir a ele mesmo esse privilégio.

Capítulo IV

Mais grave é o erro que nega ao ser humano a necessidade da graça divina para fazer o bem.

Mas, devemos nos manifestar com energia e veemência contra aqueles que sustentam que, sem a ajuda de Deus e somente com as forças de sua vontade, o ser humano pode adquirir uma justiça perfeita ou perseverar nela após tê-la adquirido.

Assim que eles se sentem confrontados sobre este ponto, eles param e abaixam o tom, pois logo compreendem que uma doutrina assim é uma verdadeira impiedade.

Logo eles se apressam em admitir a ajuda da graça divina; mas eis me que sentido. Tivemos, eles dizem, a ajuda de Deus, já que Deus criou o ser humano dotado do livre arbítrio de sua vontade e, já que lhe deu os preceitos, ele o ensinou com deve viver.

Deus vem, assim, em ajuda ao ser humano por que, ao instruí-lo, ele destrói sua ignorância, para que ele saiba, em todas as suas ações o que deve evitar e o que deve desejar. O ser humano então, em virtude do livre arbítrio que lhe foi dado naturalmente, toma o caminho que lhe foi indicado e nele vive nos limites da justiça, da piedade e do mérito.

Capítulo V

O ser humano não faz o bem sem a caridade sobrenatural que lhe dá o amor e a dileção.

Quanto a nós, eis o que ensinamos.

Para praticar a justiça, o ser humano encontra primeiro nele mesmo o livre arbítrio, que lhe foi dado por Deus naturalmente. Ele encontra em seguida fora dele a doutrina que lhe traça o caminho que deve seguir. Mas, além disso, ele precisa receber o Espírito Santo, que é o único que pode fazer nascer em seu espírito o desejo e o amor desse bem supremo e imutável que é Deus e isso desde este

mundo aqui de baixo, onde só caminhamos pela fé[7], esperando que no céu vejamos Deus face a face.

Essa graça, fruto do Espírito Santo, é para nós como um depósito de garantia do presente gratuito que Deus nos promete no céu. É ela que faz nascer em nós o desejo de nos ligarmos ao Criador. É ela que nos pressiona para conseguirmos a participação naquela luz verdadeira[8] que deve nos tornar felizes, por Aquele mesmo que nos deu a existência.

Se desconhecemos o caminho da verdade, o livre arbítrio só nos serve para pecar. Por outro lado, apesar do conhecimento que temos sobre o que fazer e o objetivo a perseguir, se não sentimos por essas ações e por esse objetivo nenhuma atração, nenhum amor, não agimos e não procuramos a perfeição de nossas ações.

Foi então para que amássemos que a caridade foi derramada em nossos corações. Não pelo livre arbítrio que vem de nós, mas *pelo Espírito Santo que nos foi dado*[9].

---

[7] Cf. 2 Coríntios 5: 7. *Andamos na fé e não na visão*.
[8] Cf. João 1: 9. *O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem.*
[9] Romanos 5: 5. *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*.

Capítulo VI

A doutrina da Lei sem o espírito que vivifica é letra que mata.

Essa doutrina que nos traça o caminho para viver na temperança e na justiça não passa de uma letra que mata, a não ser que ela seja vivificada pelo Espírito.

O Apóstolo disse: *A letra mata, mas o Espírito vivifica*[10]. Ora, estas palavras não devem ser interpretadas somente no sentido de que existem nas santas Escrituras passagens figurativas que seria absurdo tomar ao pé da letra, mas elas significam igualmente que devemos penetrar mais fundo do que a superfície e alimentar o ser humano interior pela inteligência espiritual, pois, *a aspiração da carne é a morte, enquanto a aspiração do espírito é a vida e a paz*[11].

Suponhamos, por exemplo, que alguém queira interpretar carnalmente um grande número de passagens do Cântico dos Cânticos. Ele dali recolherá não o fruto da caridade, não a luz, mas as afeições da cupidez voluptuosa.

Não é, portanto, somente no sentido puramente literal que se deve interpretar estas palavras do Apóstolo: *A letra mata, mas o Espírito vivifica*. Seu sentido verdadeiro nos está claramente indicado nesta outra passagem: *Eu não conheci o pecado senão pela Lei. Por*

---

[10] 2 Coríntios 3: 6.
[11] Romanos 8: 6.

que não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás"[12]. Um pouco depois, o mesmo Apóstolo acrescenta: *O pecado, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte*[13]. Este é o sentido das palavras *A letra mata, mas o Espírito vivifica*.

Por outro lado, não é num sentido puramente figurativo que se deve interpretar estas palavras: *"Não cobiçarás"*. Há aqui um preceito tão formal quanto salutar, em que o perfeito cumprimento produziria a isenção de todo pecado.

De fato, o Apóstolo se utiliza de uma expressão geral que inclui, de alguma forma, em sua extensão, a proibição de todo pecado: *"Não cobiçarás"*. Há um só pecado que não se cometa pela cobiça? Por consequência, toda lei que proíbe a cobiça é uma lei boa e louvável.

Mas, se o Espírito Santo não vem em nossa ajuda, se, invés da concupiscência má, ele não nos inspira a boa concupiscência, ou seja, se ele não derrama em nossos corações a caridade, a Lei, embora boa propriamente, só faz nos instigar, através da proibição, o desejo pelo mal. É como a torrente contida por um dique, que se precipita com violência contra esse dique e, quando consegue destruí-lo, sua impetuosidade e devastações não conhecem limites.

[12] Romanos 7: 7.
[13] Romanos 7: 11.

Eu não saberia dizer o porquê, mas, enfim, o que se cobiça se torna mais atraente quando é proibido. É assim que o pecado nos engana: pelo preceito. É assim que ele nos mata: quando sobrevém a prevaricação, que não existiria se a Lei não existisse[14].

Capítulo VII

Tomar a letra no sentido de pura Lei.

Se quiser, estudamos esta passagem inteira da carta apostólica e buscamos, com a ajuda de Deus, nos aprofundar em sua doutrina. Se puder fazê-lo, provarei que as palavras do Apóstolo *A letra mata, mas o Espírito vivifica* devem ser interpretadas no sentido literal e se aplicam diretamente à Lei, na medida em que ela proíbe o mal.

Após essa demonstração, ficará evidente que a justiça é um dom de Deus, não somente no sentido em que Deus deu ao ser humano o livre arbítrio, sem o qual nossas ações não teriam mais nenhum caráter de moralidade e também por que Deus nos deu a Lei, que nos traça o caminho que temos que seguir, mas por que, sob a ação do Espírito Santo, ele derramou a caridade no coração daqueles que ele distinguiu de antemão para predestiná-los, daqueles que ele

[14] Cf. Romanos 4: 15. *A Lei produz a ira e onde não existe Lei, não há transgressão*.

predestinou para chamá-los, daqueles que ele chamou para justificá-los e, por fim, daqueles que ele justificou para glorificá-los[15].

Quando então essa verdade aparecer com toda sua evidência, veremos, estou convencido disso, de que é em vão que se incluiria exclusivamente dentre as obras possíveis que não são jamais realizadas, as obras especiais da Divindade. Como, por exemplo, a passagem de um camelo pelo buraco de uma agulha e outras coisas semelhantes, absolutamente impossíveis para nós, mas muito fáceis para o poder divino.

Você compreenderá o quanto é fácil dizer que não se pode olhar a justiça humana como jamais se realizando, já que ela deve ser, não a obra de Deus, mas a obra do ser humano e que, se é possível que ela seja perfeita nesta vida, não há nenhuma razão para acreditar que ela não seja realizada.

Que isso é um erro grosseiro, como duvidar, quando é da mais clara evidência que a justiça humana é, antes de tudo, obra de Deus, embora ela exija a ajuda da vontade humana?

Por consequência, devemos considerar como possível, mesmo sobre a terra, a perfeição dessa justiça, por que tudo é possível a

[15] Cf. Romanos 8: 29 e 30.

Deus[16], seja o que ele realiza com sua vontade, seja o que ele resolveu fazer com a ajuda de suas criaturas.

Se então, esta ou aquela dessas obras não se realiza, não é menos verdade que Deus tem o poder de realizá-las, embora, em sua sabedoria, ele julgue adequado deixá-la sem realização.

Esses segredos de Deus nos são desconhecidos, mas não esqueçamos que somos apenas humanos e evitemos atribuir a Deus a tolice, por que sua sabedoria ultrapassa o pequeno alcance de nosso espírito.

Capítulo VIII

A Lei mata.

Escutemos o Apóstolo explicando aos romanos e lhes demonstrando que estas palavras dirigidas aos coríntios: *A letra mata, mas o Espírito vivifica*, devem ser entendidas como eu indiquei acima.

De fato, se a letra da Lei, que nos proíbe de pecar, não for acompanhada do espírito vivificante, ela mata, pois ela ensina a conhecer o pecado, muito mais do que evitá-lo. Ela aumenta a atração por ele, mais do que a enfraquece, pois a transgressão da Lei vem se juntar à concupiscência má.

[16] Cf. Marcos 10: 27. *Olhando Jesus para eles, disse: "Aos homens isto é impossível, mas não a Deus, pois a Deus tudo é possível"*.

Capítulo IX

A abundância de delitos por causa da Lei.

O Apóstolo se propôs exaltar a graça que chegou a todas as nações através de Jesus Cristo, para impedir os judeus de se prevalecerem contra as outras nações, por causa da Lei que eles tinham recebido.

Por isso, após ter dito que o pecado e a morte entraram por um só ser humano no gênero humano e, também por um só ser humano, a justiça e a vida eterna, ele insinua claramente que, desses dois seres humanos, o primeiro foi Adão e o segundo Jesus Cristo[17].

Ele diz: *Sobreveio a lei para que abundasse o pecado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça. Assim como o pecado reinou para a morte, assim também a graça reinaria pela justiça para a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor*[18].

Tomando em seguida a forma interrogativa, ele clama: *Então, que diremos? Permaneceremos no pecado, para que haja abundância da graça? De modo algum!*[19].

Ele compreendia que pessoas más poderiam fazer um mau uso destas palavras e explicou: *Sobreveio a lei para que abundasse o pecado. Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça.* Pode-

[17] Cf. Romanos 5: 12-19.
[18] Romanos 5: 20 e 21.
[19] Romanos 6: 1 e 2.

ríamos concluir disto que o pecado é útil por causa da abundância da graça. Mas ele rejeita esta conclusão de maneira enérgica e concisa: *De modo algum!*

Depois, ele acrescenta: *Nós, que já morremos para o pecado, como poderíamos ainda viver nele?*[20] Em outros termos: já que a graça nos propiciou a morte para o pecado, continuar a viver no pecado não seria responder a graça com uma ingratidão culposo?

Quem louva as virtudes dos remédios não assegura que sejam úteis as doenças e os ferimentos que afligem os seres humanos. Pelo contrário, quanto mais se louva os remédios, mais se execra e se horroriza com as doenças e os ferimentos, contra os quais os remédios são nossos únicos refúgios.

Da mesma forma, a glorificação da graça é, propriamente, uma censura e uma condenação do pecado. Tratava-se então de provar ao ser humano a vergonha dessa frouxidão diante da iniquidade, já que a a Lei, embora santa e boa, invés de ser um remédio, foi motivo de aumento do pecado.

De fato, a Lei veio para provocar a abundância do pecado. Convencido e confuso com essa verdade, que o ser humano compreenda que ele precisa de um mestre para instruí-lo e, sobretudo, da ajuda de Deus para dirigir seus caminhos, para livrá-lo do império da

[20] Romanos 6: 2.

iniquidade[21] e, por fim, para curá-lo através da aplicação da divina misericórdia, para o seio da qual ele correu para se refugiar.

Foi desta forma que, onde abundou o pecado, superabundou a graça. Não por mérito do pecador, mas pelo favor Daquele que veio em nosso socorro.

Capítulo X

Obra do Espírito são a morte e a ressurreição de Cristo.

Esse remédio nos é oferecido misticamente na paixão e na ressurreição de Jesus Cristo. É o que nos ensina o Apóstolo com estas palavras:

Ou ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova. Se fomos feitos o mesmo ser com ele por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição. Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo outrora subjugado ao pecado e já não sejamos escravos do pecado. Pois, quem morreu, libertado está do pecado.

[21] Cf. Salmo 118: 133. *Dirija meus passos segundo a vossa palavra, a fim de que jamais o pecado reine sobre mim.*

Ora, se morremos com Cristo, cremos que viveremos também com ele, pois sabemos que Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele. Morto, ele o foi uma vez por todas pelo pecado. Porém, está vivo, continua vivo para Deus! Portanto, vós também considerai-vos mortos ao pecado, porém vivos para Deus, em Cristo Jesus[22].

De fato, o mistério da morte e da ressurreição do Senhor representa claramente a destruição de nossa vida antiga, o começo de uma vida nova, a aniquilação da iniquidade e a renovação da justiça.

Donde pode vir ao ser humano um benefício tão grande através da letra da Lei, se não é da fé em Jesus Cristo?

Capítulo XI

A fonte das boas obras.

Este santo pensamento conserva os filhos dos homens que colocam suas esperanças em sua proteção[23] e esperam somente dele a alegria de estarem saciados com a abundância de sua casa e o abrigo contra a torrente de suas volúpias. Eles sabem que ele é a fonte da vida e que é em seu esplendor que veremos a luz. Ele sabe que ele

[22] Romanos 6: 3-11.
[23] Cf. Salmo 35: 8-11. *Como é preciosa a vossa bondade, ó Deus! À sombra de vossas asas se refugiam os filhos dos homens. Eles se saciam da abundância de vossa casa e lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias, por que em vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz. Continuai a dar vossa bondade aos que vos honram e a vossa justiça aos retos de coração*.

derrama sua misericórdia sobre aqueles que o conhecem e sua justiça na alma daqueles que têm o coração reto. Eles sabem, por fim, que não é por que eles têm o coração reto, mas, para que eles tenham o coração reto, Deus lhes concede sua justiça, pela qual ele justifica o pecador[24].

Esse pensamento, aliás, está longe de gerar o orgulho, pois este vício tem como princípio a confiança ilimitada que o ser humano coloca em sua própria pessoa, vendo-se como o senhor absoluto para imprimir em sua vida a direção que ele julga conveniente.

Por causa dessa mesma presunção, ele se afasta dessa fonte de vida, somente na qual possuímos a justiça, ou seja, uma vida santa. Ele se afasta dessa luz imutável na qual a alma racional não poderia participar sem se sentir abrasada por um fogo que a transforma, por sua vez, em um tipo de luz criada.

É neste sentido que é dito de São João: *João era uma lâmpada que arde e ilumina*[25].

Por seu lado, não ignorando de que fonte jorra sua luz, ele clama: *Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça*[26]. Plenitude de quem, se não é Daquele diante do qual ele não era luz? De

---

[24] Cf. Romanos 4: 5. *Aquele que, sem obra alguma, crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*.
[25] João 5: 35.
[26] João 1: 16.

fato, é o Verbo encarnado que é *a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem*[27].

Por isso, o Salmista, depois de dizer: *Continuai a dar vossa bondade aos que vos honram e a vossa justiça aos retos de coração*, ele logo acrescenta: *Não me calque o pé do orgulhoso, não me faça fugir a mão do pecador. Eis que caíram os fautores da iniquidade, foram prostrados para não mais se erguer*[28].

Essa iniquidade, que faz o ser humano atribuir a si mesmo aquilo que só pertence a Deus, prende o pecador em suas próprias trevas, que são as obras da iniquidade. Isto é sua própria obra e é isto do que ele é capaz sozinho.

Quanto às obras da justiça, ele só as realiza na medida em que participa dessa fonte e dessa luz divina, na *qual não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade*[29].

Capítulo XII

São Paulo é o pregador da graça.

Por esta razão, o apóstolo Paulo __ que antes se chamava Saulo[30] e não por outra razão, em minha opinião, escolheu este nome para aparecer aos olhos dos demais como pequeno, como o menor

[27] João 1: 9.
[28] Salmo 35: 8-13.
[29] Tiago 1: 17.
[30] Cf. Atos 13: 9.

dos apóstolos[31] __ trabalhou valorosa e esforçadamente na pregação das excelências da graça divina, contra os arrogantes e orgulhosos que decantavam o valor de sua próprias obras.

O motivo para este trabalho incansável é que nele a graça aparece realmente muito clara e evidente, já que ele, que perseguia a Igreja de Deus tão ferozmente, executando ações pela quais merecia gravíssimo castigo, recebeu a misericórdia, em lugar da condenação e alcançou a graça, invés da pena.

Em defesa da graça __ a razão que está acima de todos os ouros motivos __ com grande merecimento ele prega e trabalha, não se preocupando em incorrer na impopularidade gerada por aqueles que, diante de um tema tão profundo e tão misterioso, não entendiam suas palavras verdadeiras e distorciam seu sentido.

Assim, o que ele prega, o que ele proclama sem hesitar é o dom de Deus que, somente pelo qual chegam à salvação os filhos da promessa, os filhos da dádiva divina, os filhos da graça e da misericórdia, os filhos do Novo Testamento.

Primeiramente, escutemos sua tradicional saudação: *A vós, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e da parte do Senhor Jesus Cristo!*[32] Em seguida, toda sua carta aos romanos se desenrola quase

---

[31] Cf. 1 Coríntios 15: 9. *Por que eu sou o menor dos apóstolos e não sou digno de ser chamado apóstolo, por que persegui a Igreja de Deus*.
[32] Romanos 1: 7. Saudação inicial de todas as suas cartas.

que exclusivamente sobre esta questão, que ele trata com tanta veemência e insistência que chega a cansar os leitores; mas um cansaço útil e saudável, pois ele quer somente exercitar e não quebrar os membros do ser humano interior.

Capítulo XIII

Não basta a Lei e nem sua observância exterior.

Daí as conclusões que enunciei acima. Daí as censuras que ele dirige aos judeus, lhes dizendo que eles só o são no nome, já que não cumprem o que prometem.

Ele diz:

Mas tu, que és chamado judeu e te apoias na Lei e te glorias de teu Deus; tu, que conheces a sua vontade e, instruído pela lei, sabes aquilatar a diferença das coisas; tu, que te ufanas de ser guia dos cegos, luzeiro dos que estão em trevas, doutor dos ignorantes, mestre dos simples, por que encontras na Lei a regra da ciência e da verdade; tu, que ensinas aos outros, não te ensinas a ti mesmo! Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas! Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras! Tu, que abominas os ídolos, pilhas os seus templos! Tu, que te glorias da Lei, desonras a Deus pela transgressão da Lei! Por que assim fala a Escritura: "Por vossa causa o nome de Deus é blasfemado entre os pagãos" (Is 52,5). A circuncisão, em

verdade, é proveitosa se guardares a Lei. Mas, se fores transgressor da Lei, serás, com tua circuncisão, um mero incircunciso. Se, portanto, o incircunciso observa os preceitos da Lei, não será ele considerado como circunciso, apesar de sua incircuncisão? Ainda mais, o incircunciso de nascimento, cumprindo a Lei, te julgará que, com a letra e com a circuncisão, és transgressor da Lei. Não é verdadeiro judeu o que o é exteriormente, nem verdadeira circuncisão a que aparece exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é interiormente e verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito da Lei e não segundo a letra. Tal judeu recebe o louvor, não dos homens e sim de Deus[33].

Esta é a explicação destas palavras: "Glorifique-se em Deus". Se o verdadeiro judeu se glorificasse em Deus, como exige a graça, essa graça que é dada não em virtude do mérito das obras, mas de uma maneira absolutamente gratuita, o louvor do judeu lhe viria de Deus e não da humanidade. Mas não era assim. Os judeus se glorificavam em Deus no sentido de que só eles tinham merecido obter sua Lei, pois esta era a interpretação que eles davam a estas palavras do Salmo: *Com nenhum outro povo agiu assim, a nenhum deles manifestou seus mandamentos*[34].

[33] Romanos 2: 17-29.
[34] Salmo 147: 9.

Eles se vangloriavam de cumprir a Lei por seu mérito próprio, quando eles não passavam de prevaricadores dessa Lei. Foi por isso que a Lei os cobriu de ira[35], por causa da abundância do pecado que eles cometiam com plena consciência.

Quando, sem serem movidos pelo espírito da graça, eles cumpriam as prescrições da Lei, isso acontecia unicamente pelo medo do castigo e não por amor à justiça.

Por consequência, o Senhor não via em suas vontades o que aparecia em suas obras aos olhos humanos e eles eram ainda mais culpados aos seus olhos, com toda a gravidade, pelas faltas que eles teriam podido cometer se pudessem fazê-lo impunemente.

Por outro lado, o Apóstolo chama de circuncisão do coração a vontade pura e livre de toda concupiscência ilícita, que é praticada não por causa da virtude própria dos ensinamentos ou das ameaças da letra, mas pela graça espiritual que nos é dada gratuitamente para nos ajudar e para nos curar.

Quando possuímos esta graça, nossa glorificação não vem da humanidade, mas de Deus, pois é dele que nos vem toda graça e, por consequência, todo louvor, de acordo com estas palavras do Salmo:

[35] Romanos 4: 15. *A Lei produz a ira e onde não existe lei, não há transgressão.*

Glorifique-se a minha alma no Senhor[36]. É a ele somente que podemos dizer: *De vós procede o meu louvor*[37].

Podem ter esta linguagem, esses orgulhosos que agradecem o Senhor por serem humanos, mas que só querem atribuir a eles mesmos o fato de serem justos?

Capítulo XIV

Deus não deve ser louvado só por sua lei moral.

Dizem: "Nós também louvamos Deus, autor de nossa justificação, no sentido de que ele nos deu a Lei, cuja luz nos ensina como devemos viver".

Os que dizem isto não compreendem então estas palavras: *Pela observância da lei ninguém será justificado diante dele, porque a lei se limita a dar o conhecimento do pecado*[38].

A pessoa, de fato, pode parecer justa diante de seus semelhantes, sem sê-lo, de forma alguma, diante de Deus, que escrutina os corações e as vontades e sabe perfeitamente o que gostaria de fazer, se pudesse, aquele que só cumpre a Lei por medo do castigo.

Talvez sejamos tentados a acreditar que o Apóstolo, ao recusar à Lei o poder de justificar, falava exclusivamente da Lei que, nos

[36] Salmo 33: 3.
[37] Salmo 21: 26.
[38] Romanos 3: 20.

sacramentos antigos, reunia muitos preceitos que eram apenas símbolos; como, por exemplo, a circuncisão da carne, que as crianças deviam praticar no oitavo dia após seu nascimento[39].

Mas, para dissipar esta ilusão, o Apóstolo precisa a Lei a que ele se refere. Ele diz: "Foi pela Lei que conhecemos o pecado". É também desta Lei que ele fala igualmente: *Eu não conheci o pecado senão pela lei. Porque não teria ideia da concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás*[40].

Capítulo XV

A justiça de Deus age sem a Lei, mas se manifesta com a Lei.

A presunção, humana que ignora a justiça de Deus e que gostaria de ser ela mesma sua própria justificação[41], talvez aplauda aqui estas palavras do Apóstolo: *Pela observância da lei nenhum homem será justificado diante dele*[42], pretendendo que a Lei se limita a nos mostrar o que devemos fazer ou o que devemos evitar, de sorte que a vontade, por suas próprias forças, cumpre essas prescrições da Lei e justifica ela mesma, não pela autoridade da Lei, mas por seu livre arbítrio.

---

[39] Cf. Levítico 12: 3.
[40] Romanos 7: 7.
[41] Cf. Romanos 10: 3. *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*.
[42] Romanos 3: 20.

Mas, observe então, ó criatura, o que se segue: *Mas, agora, sem o concurso da Lei, manifestou-se a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos profetas*[43]. A menos que se seja surdo, não é possível deixar de ouvir: *manifestou-se a justiça de Deus*.

Esta justiça é ignorada por todos aqueles que querem estabelecer sua própria justiça e rejeitam essa obra divina por excelência.[44]

Manifestou-se a justiça de Deus, diz o Apóstolo. Ele não diz a justiça humana ou a justiça da vontade própria. Ele só fala da *justiça de Deus*. Não aquela com a qual Deus é justo, mas aquela com a qual Deus reveste o ser humano, quando ele justifica o ímpio.

Essa justiça é atestada pela Lei e pelos Profetas, pois a Lei e os Profetas lhe dão testemunham. Primeiramente a Lei, que, ordenando, ameaçando e não justificando ninguém, ela mostra bem que é Deus quem justifica o ser humano, com sua ajuda e a graça do Espírito Santo. Em seguida, os Profetas, por que a vinda do Salvador cumpriu o que eles haviam predito.

Assim, o Apóstolo acrescenta logo em seguida: *Esta é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo*[45]. Ou seja, pela fé que nos faz acreditar em Jesus Cristo.

---

[43] Romanos 3: 21.
[44] Cf. Romanos 10: 3.
[45] Romanos 3: 22.

Ao falarmos da fé de Jesus Cristo não queremos dizer, certamente, a fé pela qual Jesus Cristo acredita. Da mesma forma, a justiça de Deus não significa a justiça pela qual Deus é justo. Trata-se, na realidade, da nossa fé e da nossa justiça. No entanto, dizemos a justiça de Deus e a fé de Jesus Cristo, por que é de Deus e de Jesus Cristo que recebemos a justiça e a fé.

O que foi manifestado foi então a justiça de Deus sem a Lei. O que não quer dizer que ela tenha sido manifestada sem a Lei. De fato, como ela poderia ter sido atestada pela Lei, se ela tivesse sido manifestada sem a Lei? Chamamos então justiça de Deus sem a Lei, aquela que Deus, pelo Espírito da graça, confere ao fiel sem a ajuda da Lei, ou seja, àquele que acredita sem ser ajudado pela Lei. Não é pela Lei que Deus mostra ao ser humano sua fraqueza, para estimulá-lo a procurar, pela fé, seu refúgio e sua cura em sua infinita misericórdia?

Foi dito sobre a sabedoria divina: *Da sua boca procede a justiça e a lei e a misericórdia estão em sua língua*[46]. A Lei, para fazer culpados os orgulhosos e a misericórdia para justificar os humildes.

Então, *Esta é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os fiéis, pois não há distinção. Com efeito, todos pecaram e*

[46] Provérbios 3: 16. (Septuaginta).

todos estão privados da glória de Deus[47]. Privados da glória de Deus e não da sua própria.

Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?[48] Precisam, portanto da glória de Deus.

Veja o que se segue: *São justificados gratuitamente por sua graça. Esta é a obra da redenção, realizada em Jesus Cristo*[49]. Eles não são justificados pela Lei e nem por sua própria vontade, mas sim, *gratuitamente por sua graça*. Não, sem dúvida, no sentido de que nossa vontade está inteiramente estranha ao processo. Basta que sua fraqueza seja explicitada pela Lei para que a graça cure a vontade e para que essa vontade curada cumpra a Lei, sem que ela seja oprimida pelo jugo da Lei ou que precise da Lei.

Capítulo XVI

Em que sentido a Lei foi estabelecida para o justo.

Sabemos que a Lei é boa, contanto que se faça dela uso legítimo e se tenha em conta que a Lei não foi feita para o justo[50].

[47] Romanos 3: 22 e 23.
[48] 1 Coríntios 4: 7.
[49] Romanos 3: 24.
[50] 1 Timóteo 1: 8 e 9.

Há uma espécie de contradição neste discurso e o Apóstolo, ao enunciá-lo, quis, sem dúvida forçar o leitor a pensar e resolver a questão.

A Lei é boa, contanto que se faça dela uso legítimo. Como conciliar esta afirmação com a seguinte: Levando-se *em conta que a Lei não foi feita para o justo*?

Quem então usa legitimamente a Lei, se não é aquele que é justo? No entanto, não foi para ele que a Lei foi estabelecida, mas para o pecador. É então para que o pecador, para ser justificado, ou seja, tornar-se justo, use legitimamente a Lei, a fim de que essa Lei, lhe servindo de pedagoga, o conduza à graça, somente pela qual podem ser cumpridas todas as prescrições da Lei?

Ora, a graça nos justifica gratuitamente, ou seja, sem nenhum mérito de nossa parte, *de outra maneira, a graça cessaria de ser graça*[51], pois ela nos é concedida não *por que* realizamos boas ações, mas *para qu*e possamos realizá-las. Ela também nos é concedida não *por que* cumprimos a Lei, mas *para que* possamos cumpri-la.

De fato, o Salvador disse: *Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para aboli-los, mas sim para cumpri-los*[52]. Dele foi dito: *Vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu*

---

[51] Romanos 11: 6.

[52] Mateus 5: 17. *Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere*.

Pai, cheio de graça e de verdade[53]. Desta glória foi dito: *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus...*[54]. Desta graça também, o Apóstolo logo acrescenta: ... *e são justificados gratuitamente por sua graça*[55].

Se então o pecador cumpre corretamente a Lei, é para se tornar justo e, quando ele tiver obtido esta justiça, ele deve ver na Lei não um tipo de veículo[56] para chegar a algum lugar, mas sim, de acordo com a comparação do Apóstolo, um tipo de pedagogo que lhe ensina seus deveres.

De fato, como a Lei não foi estabelecida para o justo, se ela é necessária até mesmo para aquele que é justo; não no sentido de que essa Lei o conduz do pecado à graça santificante, mas no sentido de que, ao se tornar justo, ele a usa corretamente?[57]

Não faz um uso correto da Lei, a pessoa justa que, por inspirar um terror nos culpados, lhes impõe as prescrições da Lei, para que, sob o fogo da concupiscência má que se revolta contra a proibição e aumenta o número e a gravidade das prevaricações, eles procurem prontamente e pela fé, um refúgio seguro na graça justificante e, es-

---

[53] João 1: 14.
[54] Romanos 3: 23.
[55] Romanos 3: 24.
[56] Cf. Gálatas 3: 24. *Assim, a Lei se nos tornou pedagogo encarregado de levar-nos a Cristo, para sermos justificados pela fé*.
[57] Cf. Timóteo 1: 8. *Sabemos que a Lei é boa, contanto que se faça dela uso legítimo*.

capando das ameaças da letra, desfrutem das doçuras da justiça, pela virtude do Espírito Santo?

Desta forma, cessa toda contradição entre as duas passagens citadas acima, pois vemos como o justo pode cumprir corretamente uma boa Lei, embora a Lei não seja estabelecida para a pessoa justa.

De fato, não foi pela Lei que ela foi justificada, mas pela lei da fé, pela qual ela acreditou que tinha absoluta necessidade da graça divina para cumprir, apesar de sua fraqueza, as prescrições da Lei.

Capítulo XVII

A exclusão da soberba.

Daí vem estas palavras do Apóstolo: *Onde está, portanto, o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual lei? Pela das obras? Não, pela lei da fé*[58].

Essa glória mencionada por São Paulo pode ser entendida em dois sentidos. Ou se trata da glória realmente louvável que por nós reside no Senhor; glória eliminada não por que seja rejeitada, mas por que sua excelência a faz sair do nível das coisas comuns.

Da mesma forma como certos refinadores de metais são chamados de purificadores, como se lê no Salmo: *Pois vós nos provas-*

[58] Romanos 3: 27.

tes, ó Deus, acrisolastes-nos como se faz com a prata[59] e também em outra parte: *As palavras do Senhor são palavras sinceras, puras como a prata acrisolada, isenta de ganga, sete vezes depurada*[60], assim, é como se ele tivesse dito que aqueles que foram depurados pelas palavras do Senhor devem ser colocados em um posto eminente.

Ou então o Apóstolo quis falar da glória criminosa que vem do orgulho e que envaidece todos aqueles que, gabando-se de levar uma vida justa e santa, só atribuem a eles esse precioso privilégio.

Este motivo de glória o Apóstolo vê como eliminado; não pela lei das obras, mas pela lei da fé, que reprova de uma maneira absoluta.

De fato, por essa lei da fé, todos nós ficamos plenamente convencidos de que, se fazemos alguma boa ação, é graças a Deus que devemos isso, pois é dessa graça que nos vem exclusivamente tudo o que fazemos para o aperfeiçoamento no amor pela justiça.

Capítulo XVIII

A soberba dos bons é a pior ingratidão para com Deus.

Esse modo de pensar é que torna o ser humano pio, por que a piedade é que é a verdadeira sabedoria. Eu chamo de piedade o que

[59] Salmo 67: 10.
[60] Salmo 11: 7.

os gregos chamam de *qeosebeia* (culto a Deus) e este precioso hábito nos é altamente recomendado pelas palavras de Jó: *O temor do Senhor, eis a sabedoria*[61].

Esse culto a Deus consiste, de fato, para a alma, em mostrar que ela não é ingrata. Daí decorre, sem dúvida, em nosso verdadeiro e augusto sacrifício, a solene advertência que nos é feita para darmos graças a Deus.

Da parte da alma, seria demonstrar ingratidão atribuir a ela mesma o que vem de Deus, especialmente a justiça. De fato, se é uma falta grave se vangloriar de suas riquezas, da beleza de seu corpo, de sua eloquência e dos outros bens exteriores ou interiores, seja do corpo ou do espírito, com os quais os maiores pecadores são algumas vezes dotados, que crime não é se vangloriar do que é o bem por excelência, ou seja, a justiça, como se ela fosse nossa obra? Por causa deste vício, vimos as maiores pessoas sendo abandonadas por Deus à sua própria fraqueza e caindo nas vergonhas da idolatria.

É por isso que, nesta mesma epístola, onde ele se coloca como ardente defensor da graça, após ter dito que era devedor a gregos, a bárbaros, a sábios e a simples e ter declarado que, de sua parte, esta-

[61] Jó 28: 28.

va todo disposto a levar o Evangelho aos romanos[62], Paulo se apressa a acrescentar:

Com efeito, não me envergonho do Evangelho, pois ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê; ao judeu em primeiro lugar e depois ao grego. Por que nele se revela a justiça de Deus, que se obtém pela fé e conduz à fé, como está escrito: O justo viverá pela fé[63].

Esta é, portanto, a justiça de Deus; justiça velada no Antigo Testamento, mas revelada no Novo. Ela é chamada de justiça de Deus por que, ao nos concedê-la, ele nos torna justo, como está dito: *Sim, Senhor, a salvação vem de vós*[64]. Ou seja, a salvação com a qual ele nos salva.

Assim também é a fé pela qual e para a qual a justiça de Deus é revelada, ou seja, ela é anunciada *pela fé* daqueles que anunciam a palavra de Deus, *para a fé* daqueles que a acolhem.

Esclarecidos por essa fé de Jesus Cristo, ou seja, pela fé que Jesus Cristo nos conferiu, acreditamos firmemente que, se vivemos na justiça, é a Deus que devemos isso e a quem deveremos sempre. Não é justo então que lhe demonstremos nossa gratidão através do culto soberano que devemos somente a ele?

---

[62] Cf. Romanos 1: 14 e 15. *Sou devedor a gregos e a bárbaros, a sábios e a simples. Daí o ardente desejo que eu sinto de vos anunciar o Evangelho também a vós, que habitais em Roma*.
[63] Romanos 1: 16 e 17.
[64] Salmo 3: 9.

Capítulo XIX

Os efeitos da soberba.

Após esta exposição de seus princípios, o Apóstolo se volta com indignação contra aqueles que, inchados com o orgulho que mencionei acima e erguendo-se tolamente acima deles mesmo até se privarem de todo apoio, vão se chocar vergonhosamente contra as pedras com as quais fabricaram ídolos.

Ele tinha acabado de exaltar a santidade da fé que nos pressiona a agradecer a Deus pelas graças abundantes que ele quer nos conceder para a justificação e logo se volta para o vício contrário e clama:

A ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade e perversidade dos homens, que pela injustiça aprisionam a verdade. Porquanto, o que se pode conhecer de Deus eles o leem em si mesmos, pois Deus lho revelou com evidência. Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras; de modo que não se podem escusar. Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos e se lhes obscureceu o coração insensato. Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos. Mudaram a

majestade de Deus incorruptível em representações e figuras de homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis[65].

É de se observar que o Apóstolo não fala que essas pessoas ignoravam a verdade, mas que elas aprisionam a verdade na injustiça. Como surgiria a tentação de perguntar de que fonte essas pessoas tiraram a verdade, já que Deus não lhes tinha dado a Lei, o Apóstolo, prevendo a pergunta, logo responde que é pelas coisas visíveis que elas puderam conhecer as coisas invisíveis do Criador.

Foi se aplicando a essa busca que grandes mentes chegaram a ter de Deus um conhecimento natural suficiente. Mas, eis que surge sua impiedade e, *conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos*.

O orgulho é então a doença daqueles que se enganam, acreditando que são alguma coisa quando, na verdade, não são nada[66].

Eles ficaram cegos com o inchaço do orgulho, contra o qual o Salmista protestou com toda sua alma e clamou: *Em vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz*[67]. Por eles mesmos, se afastaram da luz da imutável verdade *e se lhes obscureceu o coração insensato*.

---

[65] Romanos 1: 18-23.
[66] Cf. Gálatas 6:3. *Quem pensa ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo*.
[67] Salmo 35: 10.

Embora tendo conhecido o Senhor, seus corações não eram sábios e eles demonstraram uma enorme tolice, já que não glorificaram Deus e nem lhe deram graças.

O Senhor havia dito ao homem: *O temor ao Senhor, eis a sabedoria*[68]. Mas essas pessoas responderam dizendo que eram sábias, o que significa, na realidade, que, ao atribuírem a elas mesmas os bens que possuíam, elas se tornaram insensatas.

Capítulo XX

Além da Lei, Deus ajuda diretamente com a graça a vontade humana no bem.

Agora, qual a necessidade de lembrar o que se segue? Arrastados para este caminho da impiedade que eu mencionei, essas pessoas que puderam conhecer o Criador através de suas criaturas, se sentiram rejeitados pelo próprio Deus, pois ele resiste aos soberbos[69] e, precipitados para o fundo do abismo, eles oferecem, em sua própria pessoa, o testemunho muito mais eloquente que nós mesmos poderíamos apresentar, dos castigos enunciados na sequência desta epístola.

De fato, eu não me propus fazer nesta obra uma explicação deste epístola. Se invoco seu testemunho é para provar o mais clara-

[68] Jó 28: 28.
[69] Cf. Provérbios 3: 34, Tiago 4: 6 e 1 Pedro 5: 5.

mente possível que a ajuda divina que precisamos para praticar a justiça não consiste precisamente nos santos e excelentes preceitos que Deus nos forneceu, mas no espírito da graça que vem estimular nossa vontade e lhe prestar um socorro sem o qual não podemos fazer o bem. Fora desse socorro a Lei não passa de uma letra que mata, pois, invés de justificar os pecadores, ela só faz agravar sua culpa.

O conhecimento que os gentios tinham adquirido do Criador, através das criaturas, não lhes propiciou, de forma alguma, a salvação, por que, *conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças*. *Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos*.

Mesmo que lhes fosse possível conhecer pela Lei o caminho a seguir, só este conhecimento não os justificou, por que, *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus*[70].

[70] Romanos 10: 3.

Capítulo XXI

A lei da obra e a lei da fé não se diferenciam pelo conteúdo moral.

Tentemos então, na medida de nossas forças, precisar a diferença que existe entre a lei das obras, que não impede o ser humano de se vangloriar e a lei da fé, que nos obriga a reportar tudo a Deus.

Talvez se diga que a lei das obras é a do judaísmo e a lei da fé a do cristianismo, por que a circuncisão e outras obras semelhantes pertencem à Lei, enquanto que deixaram de existir sob o reinado da disciplina cristã.

Mas esta distinção é absolutamente errada, como é fácil demonstrar e como provamos com argumentos que estavam ao alcance de todos e ao seu, em particular. Todavia, como este tema é da mais alta importância, creio dever aprofundar minha demonstração com novos testemunhos.

É certo que o Apóstolo fala da lei que não justifica ninguém e cuja introdução no mundo só fez abundar o pecado[71]. No entanto, não querendo que um ignorante ou um sacrílego usasse este argumento para condenar a Lei, ele assume sua defesa, nestes termos: *Que diremos, então? Que a lei é pecado? De modo algum. Mas eu não conheci o pecado senão pela lei. Por que não teria ideia da con-*

[71] Cf. Romanos 5: 20. *Sobreveio a lei para que abundasse o pecado*.

cupiscência, se a lei não dissesse: "Não cobiçarás!" Foi o pecado, portanto, que, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências[72].

São Paulo diz igualmente: *A Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte, por meio do que é bom*[73].

A letra que mata é aquela que diz: *"Não cobiçarás!"*

Era dela também que o Apóstolo falava, como relatei acima:

A lei se limita a dar o conhecimento do pecado. Mas, agora, sem o concurso da lei, manifestou-se a justiça de Deus, atestada pela lei e pelos profetas. Esta é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo, para todos os fiéis, pois não há distinção. Com efeito, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente por sua graça. Tal é a obra da redenção, realizada em Jesus Cristo. Deus o destinou para ser, pelo seu sangue, vítima de propiciação mediante a fé. Assim, ele manifesta a sua justiça; porque no tempo de sua paciência, ele havia deixado sem castigo os pecados anteriores. Assim, digo eu, ele manifesta a sua justiça no tempo presente, exercendo a justiça e justificando aquele que tem fé em Jesus[74].

---

[72] Romanos 7: 7 e 8.
[73] Romanos 7: 12 e 13.
[74] Romanos 3: 20-26.

Por fim, chega a questão que estamos tratando: *Onde está, portanto, o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual lei? Pela das obras? Não, mas pela lei da fé*[75]. Essa lei das obras é, portanto, a mesma que prescreve: *"Não cobiçarás!"*, pois foi através dela que o pecado ficou conhecido.

Por outro lado, gostaria de saber se alguém ousaria dizer que a lei da fé não diz: *"Não cobiçarás!"* Se ela não o diz, por que então, colocados como estamos sob seu reinado, não pecamos com toda segurança e em completa impunidade? Isto não era o que diziam aquelas pessoas que o Apóstolo estigmatizou nestes termos: *Então, por que não faríamos o mal, para que dele venha o bem, expressão que os caluniadores, falsamente, nos atribuem? É justo que estes tais sejam condenados*[76]?

Essa mesma lei diz: *"Não cobiçarás!"*, como atestam e repetem sem cessar um grande número de preceitos evangélicos e apostólicos; por que então não chamá-la de lei das obras?

Por outro lado, se ela não tem as obras dos antigos sacramentos __ a circuncisão e outras semelhantes __ não se pode concluir que ela não tem obras a realizar nos sacramentos da nova aliança e, por este motivo também, ela poderia ser chamada de lei das obras.

---

[75] Romanos 3: 27.
[76] Romanos 3: 8.

Se for afirmado que se tratava das obras dos sacramentos, quando se mencionava a Lei para provar que foi por ela que o pecado foi conhecido e que não é dela que vem a justificação, eu concluirei que não foi por esta lei das obras, seja ela qual for, que foi excluída a glorificação, mas pela lei da fé, a fé da qual vive o justo[77].

Por fim, essa mesma lei da fé não nos dá também o conhecimento do pecado, já que ela também nos clama: *"Não cobiçarás!"*?[78]

Capítulo XXII

A lei da fé é para que façamos o que a lei das obras ordena.

Formularei então, em algumas palavras, a diferença que procuramos.

A lei das obras ordena ameaçando e a lei da fé obtém, para aquele que acredita, o cumprimento do que ela ordena.

A primeira diz: *"Não cobiçarás!"*[79]; a segunda tem este linguajar: *Consciente de não poder possuir a sabedoria, a não ser por dom de Deus __ e já era inteligência o saber de onde vem o dom __ eu me voltei para o Senhor e o invoquei*[80].

---

[77] Cf. Habacuc 2: 4. *O justo vive por sua fidelidade*.
[78] Cf. Habacuc 2: 6. *Ai daquele que amontoa o bem alheio!*
[79] Êxodo 20: 17.
[80] Sabedoria 8: 21.

É esta sabedoria que chamamos de piedade e é com ela que honramos o Pai das luzes, de quem nos vem o dom perfeito e excelente[81].

Esse sacrifício de louvor e de ação de graças é tão agradável a Deus que aquele que o pratica se glorifica, não em si mesmo, mas no Senhor[82].

Desta forma, em virtude da lei das obras, Deus nos diz: "Faça o que eu mando!". E, pela lei da fé, nós dizemos a Deus: "Conceda-me fazer o que vós mandais!"

A Lei ordena para avisar sobre o que a fé deve fazer. Em outros termos, para ensinar o que deve ser pedido, caso não se possa realizar imediatamente. Caso seja possível realizar e, de fato, se realiza, deve-se saber a quem atribuir essa possibilidade.

Escutemos então esse ardente pregador da graça: *Nós não recebemos o espírito do mundo, mas sim o Espírito que vem de Deus, que nos dá a conhecer as graças que Deus nos prodigalizou*[83].

Então, que espírito deste mundo é este, se não é o espírito do orgulho? Foi este espírito que tornou insensatos e cegos os corações daqueles que, conhecendo Deus, não o glorificaram como Deus, ren-

---

[81] Cf. Tiago 1: 17. *Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade*.
[82] Cf. 2 Coríntios 10: 17 e 18. *Quem se gloria, glorie-se no Senhor. Pois merece a aprovação não aquele que se recomenda a si mesmo, mas aquele que o Senhor recomenda*.
[83] 1 Coríntios 2: 12.

dendo-lhe graças. É também este mesmo espírito que engana aqueles que, ignorando a justiça de Deus e querendo constituir sua própria justiça, não são submissos à justiça de Deus.

É, portanto, me parece, filho da fé aquele que sabe de quem esperar o que ainda não tem, diferente daquele que atribui a si mesmo o que acredita possuir. Isso não nos impede de preferir o estado de quem possui e que sabe através da munificência de quem ele possui; contanto que não se atribua uma perfeição que não é deste mundo, pois, não sendo assim, ele imitaria o fariseu que, mesmo rendendo graças a Deus pelo que tem, não pediu mais nada para si mesmo, como se não precisasse de mais nada para aumentar e aperfeiçoar sua justiça[84].

Após estas considerações, proporcionadas pelas forças que Deus quis nos conceder, estamos no direito de concluir que a pessoa é justificada não pelos preceitos de uma vida sábia, mas pela fé de Jesus Cristo. Ou seja, não pela lei das obras, mas pela da fé; não pela letra, mas pelo espírito; não pelo mérito de suas ações, mas pela graça gratuita.

[84] Cf. Lucas 18: 11-14.

Capítulo XXIII

Sem a graça, a lei divina é letra que mata.

Dirigindo-se àqueles que eram submetidos à circuncisão, o Apóstolo os censura e os corrige, até mostrar-lhes claramente que sob a palavra Lei ele entende a circuncisão propriamente e todas as outras observâncias legais que os cristãos rejeitam como sendo apenas sombras do que devia chegar, preferindo a realidade à representação[85].

Ele vai mais longe ainda, pois, não contente em constatar a impotência justificadora da Lei e desses sacramentos antigos, que eram apenas símbolos, ele declara que a justificação não repousa mais nas obras que constituíam outrora, exteriormente, uma vida irreprovável, já que nela está o cumprimento destas palavras: *"Não cobiçarás!"*.

Mas, para avaliar melhor o que estabelecemos, vejamos o próprio Decálogo. Esta Lei, escrita com o dedo de Deus nas tábuas de pedra, foi dada a Moisés no meio de relâmpagos no Monte Sinai, com a ordem de promulgá-la ao seu povo[86].

---

[85] Cf. Colossenses 2: 17. *Tudo isto não é mais que sombra do que devia vir. A realidade é Cristo.*
[86] Cf. Êxodo 31: 18 e Deuteronômio 9: 10.

Esta Lei está reunida em dez preceitos[87], que não falam em momento algum da circuncisão e nem das vítimas animais, cujo sangue jamais foi derramado pelos cristãos.

Desses dez preceitos, tirando a observação do sábado, diga-me, o que o cristão não deve obedecer? É a proibição de adorar os ídolos ou qualquer outra falsa divindade que não seja o verdadeiro Deus? É a proibição de tomar em vão o santo nome de Deus? É a obrigação de honrar seus pais, evitar a fornicação, o homicídio, o roubo, o falso testemunho, o adultério, o desejo de se apropriar do bem alheio? Qual destes preceitos se pode dizer que o não diz respeito ao cristão?

Diga-me se nessa letra que mata, o Apóstolo não quis incluir, de forma alguma, a Lei das dez tábuas, mas somente a lei da circuncisão e os outros sacramentos abolidos pela nova aliança?

Mas, isto não é possível, já que nessa Lei lemos: *"Não cobiçarás!"*, preceito que, sem dúvida, *é santo, justo e bom*[88].

No entanto, *o pecado, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me e, por ele, me levou à morte*[89].

Então, não é este o sentido das palavras: *A letra mata*?

---

[87] Cf. Êxodo 31: 18, Deuteronômio 2: 10 e Êxodo 20.
[88] Romanos 7: 12.
[89] Romanos 7: 11.

Capítulo XXIV

São Paulo considera como letra que mata todo o Decálogo.

A passagem da Epístola aos Coríntios, na qual lemos que *A letra mata, mas o Espírito vivifica*[90], prova incontestavelmente que o Apóstolo queria falar do próprio Decálogo.

Escutemos então:

Vós mesmos sois a nossa carta, escrita em nossos corações, conhecida e lida por todos os homens. Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações. Tal é a convicção que temos em Deus por Cristo. Não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos. Nossa capacidade vem de Deus. Ele é que nos fez aptos para ser ministros da Nova Aliança, não a da letra e sim a do Espírito. Porque a letra mata, mas o Espírito vivifica. Ora, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de tal glória que os filhos de Israel não podiam fitar os olhos no rosto de Moisés, por causa do resplendor de sua face (embora transitório), quanto mais glorioso não será o ministério do Espírito! Se o ministério da condenação já foi glorio-

[90] 2 Coríntios 3: 6.

so, muito mais o há de sobrepujar em glória o ministério da justificação![91]

Estas palavras nos fornece material para numerosas considerações, mas talvez mais tarde elas retornem mais apropriadamente.No momento nos basta observar de que letra fala o Apóstolo, quando ele diz que ela mata e quando ele lhe contrapõe o espírito, que vivifica.

Esta é, seguramente, o ministério da letra grava em pedras; ministério de morte e de condenação, por que a Lei chegou para que o pecado superabundasse[92].

Por outro lado, esses preceitos são tão úteis e saudáveis àquele que os observa, que é impossível ter vida, se eles não forem observados.

Dizem que é por causa de um único preceito, o relativo ao sábado, que o Decálogo foi chamado de letra que mata, por que aquele que o observa hoje em dia literalmente, dá prova de uma sabedoria puramente carnal. Ora, a sabedoria segundo a carne é a morte[93], enquanto que os outros preceitos novos, observados segundo o rigor do texto, pertencem não à lei das obras, segundo a qual ninguém é justificado[94], mas à lei da fé, da qual vive o justo[95].

---

[91] 2 Coríntios 3: 2-9.
[92] Cf. Romanos 5: 20. *Sobreveio a lei para que abundasse o pecado*.
[93] Cf. Romanos 8: 6. *A aspiração da carne é a morte, enquanto a aspiração do espírito é a vida e a paz*.
[94] Cf. Romanos 3: 20. *Pela observância da Lei nenhum homem será justificado diante dele, porque a Lei se limita a dar o conhecimento do pecado*.

Quem pode pensar tão absurdamente que o ministério da morte inscrito em letras de pedra não se refere a todos os dez preceitos, mas exclusivamente ao que trata do sábado? A que preceitos se referem então estas palavras: *A Lei produz a ira e onde não existe Lei, não há transgressão*[96]; e estas outras: *De fato, até a Lei o mal estava no mundo. Mas o mal não é imputado quando não há Lei*[97]; e estas, que tantas vezes já recordei: *Pela observância da Lei nenhum homem será justificado diante dele, por que a Lei se limita a dar o conhecimento do pecado*[98]; mas, sobretudo, estas, que com mais evidência nos declaram de onde nasce o fazer o mal: *Eu não conheci o pecado senão pela Lei. Por que não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: Não cobiçarás*[99]?

Capítulo XXV

Para São Paulo, toda a letra moral, sem a graça, é letra que mata.

Estude atentamente estas diferentes passagens e veja se foi unicamente por causa da circuncisão, do sábado ou de qualquer outra observância simbólica e não da Lei inteira, que o Apóstolo disse que

---

[95] Cf. Romanos 1: 17; Gálatas 3: 11; Hebreus 10: 38 e Habacuc 2: 4.
[96] Romanos 4: 15.
[97] Romanos 5: 13.
[98] Romanos 3: 20.
[99] Romanos 7: 7.

a Lei, ao proibir o pecado, não vivifica o ser humano, mas sim o mata, aumentando a concupiscência e agravando a iniquidade com a prevaricação, até que nos seja concedida a libertação através da graça, ou seja, através da lei da fé em Jesus Cristo, quando então *o amor de Deus é derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado*[100].

O Apóstolo, após haver dito: *Nosso serviço realiza-se conforme a renovação do Espírito e não mais sob a autoridade envelhecida da letra*[101], logo acrescenta:

Que diremos, então? Que a Lei é pecado? De modo algum. Mas eu não conheci o pecado senão pela Lei. Por que não teria ideia da concupiscência, se a Lei não dissesse: "Não cobiçarás!".

Foi o pecado, portanto, que, aproveitando-se da ocasião que lhe foi dada pelo preceito, excitou em mim todas as concupiscências, por que, sem a lei, o pecado estava morto.

Quando eu estava sem a Lei, eu vivia, mas, sobrevindo o preceito, o pecado recobrou vida e eu morri. Assim, o mandamento, que me devia dar a vida, conduziu-me à morte. Por que o pecado, aproveitando da ocasião do mandamento, seduziu-me e por ele me levou à morte. No entanto, a Lei é santa e o mandamento é santo e justo e bom.

---

[100] Romanos 5: 5.
[101] Romanos 7: 6.

Então, o que é bom tornou-se causa de morte para mim? De certo que não. Foi o pecado que, para se mostrar realmente pecado, acarretou para mim a morte por meio do que é bom, a fim de que, pelo mandamento, o pecado se fizesse excessivamente pecaminoso.

Sabemos, de fato, que a Lei é espiritual, mas eu sou carnal, vendido ao pecado. Não entendo, absolutamente, o que faço, pois não faço o que quero; faço o que odeio. E, se faço o que não quero, reconheço que a Lei é boa. Mas, então, não sou eu que o faço, mas o pecado que em mim habita.

Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, por que o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo. Não faço o bem que quereria, mas o mal que não quero. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu que faço, mas sim o pecado que em mim habita.

Encontro, pois, em mim esta lei: quando quero fazer o bem, o que se me depara é o mal.

Deleito-me na Lei de Deus, no íntimo do meu ser. Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros.

Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte? Será a graças de Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!

Assim, pois, de um lado, pelo meu espírito, sou submisso à Lei de Deus; de outro lado, por minha carne, sou escravo da lei do pecado[102].

Capítulo XXVI

A decrepitude da letra e a novidade do espírito, em oposição uma ao outro, como a Lei e a graça.

Segue-se daí que, na falta da novidade do espírito, a antiguidade da letra, invés de nos livrar do pecado, nos torna ainda mais culpados, por causa do conhecimento do pecado.

É por isso que o sábio clama: *Quem aumenta a ciência, aumenta a dor*[103]. Não, sem dúvida, que a Lei, propriamente, seja um mal, mas por que, apesar de sua bondade intrínseca, a letra se limita a nos mostrar o bem e não nos dá a força para realizá-lo. E, se nós cumprimos os preceitos unicamente por causa do castigo e não pelo amor à justiça, nossa obediência é puramente servil e, portanto, moralmente nula. Não é um bom fruto aquele que não brota da raiz da caridade.

Suponhamos, pelo contrário, a presença da fé que opera pela caridade[104]. Aí começamos a nos deleitar na Lei de Deus, segundo

---

[102] Romanos 7: 7-26.
[103] Eclesiastes 1: 18.
[104] Gálatas 5: 6. *Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pela caridade*.

nosso eu mais íntimo[105] e esse deleite é um dom, não da letra, mas do espírito.

Apesar disso, no entanto, sentirei ainda em meus membros a outra lei que repugna a lei de meu espírito[106], até que essa novidade, se desenvolvendo dia a dia no meu ser mais íntimo, absorva e destrua toda essa decrepitude[107], sob a ação da graça de Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor, o único que nos livra deste corpo de morte.

Capítulo XXVII

O preceito da observância do sábado prefigurava a graça do Novo Testamento.

Essa graça permaneceu velada no Antigo Testamento, mas ela foi revelada nos Evangelhos de Jesus Cristo, quando chegaram os tempos previstos por Deus para a dispensação de seus favores.

Esse véu misterioso cobria em particular, no Decálogo do Sinai[108], o preceito figurativo relacionado ao sábado. Ora, o sábado é o dia da santificação e não é em vão que, nas obras divinas, ressoa o

[105] Romanos 7: 22. *Deleito-me na lei de Deus, no íntimo do meu ser*.
[106] Cf. Romanos 7: 23. *Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*.
[107] Cf. 2 Coríntios 4: 16. *Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia*.
[108] Cf. Êxodo 24: 12.

grito de santificação, desde que Deus parou de criar[109]. Mas, aqui não é o lugar de tratar desta questão.

No entanto, me permitindo uma observação relativa à questão presente, digo que é da mais profunda sabedoria que, com relação a esse dia, o povo recebeu a ordem de suspender as obras servis[110], nas quais se pode ver a imagem do pecado, pois, não mais pecar é a essência da santificação, ou seja, da ação que a graça de Deus opera em nós, através do Espírito Santo.

De todos os preceitos gravados na duas tábuas de pedra[111], o preceito do sábado, para os judeus, era o único que trazia, sob este ponto, o caráter profético e figurativo, pois ele anunciava que aquele era o tempo para a graça permanecer escondida, até que ela se revelasse, no Novo Testamento, através da paixão de Jesus Cristo, na qual o véu do templo devia se rasgar[112]. Escreve o Apóstolo: *Esse véu só será tirado quando se converterem ao Senhor*[113].

---

[109] Cf. Gênesis 2: 3.
[110] Cf. Êxodo 20: 10.
[111] Cf. Êxodo 24: 12.
[112] Cf. Mateus 27: 51. *E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, fenderam-se as rochas*.
[113] 2 Coríntios 3: 16.

Capítulo XXVIII

A Lei e a graça são obra do mesmo Espírito de Deus.

Ora, o Senhor é Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade[114].

Esse Espírito de Deus, cuja presença em nós nos justifica, nos inspira o ódio ao pecado e nos dá a liberdade espiritual, pois, sem ele, sofremos o amor pelo pecado e uma verdadeira servidão contra as obras contra as quais devemos protestar; esse Espírito, eu digo, pelo qual o amor, que é a plenitude da Lei, é derramado em nossos corações[115], é também chamado no Evangelho de dedo de Deus[116]. Desta forma, as tábuas da Lei foram escritas pelo dedo de Deus e o dedo de Deus é o Espírito de Deus, pelo qual somos santificados, para que, vivendo da fé, façamos o bem pela caridade.

Como então não ficar impressionado com esta analogia e esta diferença? Desde a celebração da Páscoa ou a imolação do cordeiro simbólico[117], prescrita por Moisés, para simbolizar a paixão futura do Salvador, contamos cinquenta dias até chegar o dia em que Moisés

---

[114] 2 Coríntios 3: 17.
[115] Cf. Romanos 5: 5. *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*.
[116] Cf. Lucas 11: 20. *Se expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado a vós o Reino de Deus*.
[117] Cf. Êxodo 12.

recebeu a Lei escrita pelo dedo de Deus nas tábuas de pedra[118]. Da mesma forma, desde a imolação e a ressurreição do Salvador, que foi conduzido como um cordeiro ao sacrifício[119], cinquenta dias se passaram, após os quais os fiéis reunidos foram preenchidos com esse dedo de Deus, ou seja, o Espírito Santo[120].

Capítulo XXIX

A Lei mosaica e a Lei nova.

Comparando essas duas épocas, observamos uma profunda diferença.

Ao pé do Monte Sinai, o povo, tomado de pavor, não ousou se aproximar do lugar onde o Senhor revelava a Lei[121]. No Cenáculo, o Espírito Santo desceu sobre aqueles que estavam reunidos esperando a realização da promessa.

Lá, o dedo de Deus trabalhou sobre tábuas de pedra. Aqui, no coração das pessoas.

Lá, o Senhor promulgou sua Lei exteriormente, para amedrontar os pecadores. Aqui, ele a estabeleceu interiormente, para sua própria justificação.

---

[118] Cf. Deuteronômio 9: 10. *O Senhor entregou-me as duas tábuas de pedra escritas com o dedo de Deus*.
[119] Isaías 53: 7.
[120]
[121] Cf. Êxodo XIX.

Os preceitos: Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e ainda outros mandamentos que existam, eles se resumem nestas palavras: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo". O amor não pratica o mal contra o próximo. Portanto, o amor é o pleno cumprimento da lei[122].

Esse amor não foi escrito em tábuas de pedra, mas, *foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[123]. Portanto, a Lei de Deus é o amor.

O desejo da carne é hostil a Deus, pois a carne não se submete à Lei de Deus e nem o pode[124]. Ora, para assustar esse desejo da carne, as obras do amor foram escritas em tábuas de pedra; era a lei das obras, a letra que mata o prevaricador. Mas, quando o amor é derramado no coração dos crentes, temos então a lei da fé e o espírito que vivifica aquele que tem o amor.

Capítulo XXX

O objetivo da Lei divina é testar nossa incapacidade e provocar nosso recurso à graça divina.

Veja como esta distinção concorda perfeitamente com estas palavras do Apóstolo, que citei e discuti acima, sobre outro tema: *Não*

[122] Romanos 13: 9 e 10.
[123] Romanos 5: 5.
[124] Romanos 8: 7.

há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações[125]. Isto não é nos dizer claramente que a lei das obras está escrita fora do ser humano, para assustá-lo exteriormente, enquanto que a lei da fé está escrita no próprio ser humano, para justificá-lo interiormente?

Quanto a essas tábuas de carne do coração, ele quer dizer não o desejo carnal, mas o que há de sensível e vivo no ser humano, em comparação com a pedra, que não é dotada de nenhuma sensibilidade.

Um pouco depois, o Apóstolo observa que os filhos de Israel não podiam olhar o rosto de Moisés e era por isso que ele lhes falava através de um véu[126]. Isto quer dizer que a letra da Lei não justifica ninguém e que havia como que um véu colocado sobre a leitura do Antigo Testamento, até que Cristo veio e rasgou esse véu[127]. Ou seja, até que o ser humano tenha chegado à graça e compreendido perfeitamente que é dele que nos vem a justificação que nos ajuda a cumprir o que nos é ordenado.

---

[125] 2 Coríntios 3: 3.
[126] Cf. 2 Coríntios 3: 7. *Os filhos de Israel não podiam fitar os olhos no rosto de Moisés, por causa do resplendor de sua face, embora transitório*.
[127] Cf. 2 Coríntios 3: 16. *Esse véu só será tirado quando se converterem ao Senhor*.

Se Deus nos ordena, não é para que, compreendendo nossa fraqueza e nossa impotência, busquemos nele nosso refúgio e nosso apoio?

O Apóstolo tinha acabado de dizer: *Tal é a convicção que temos em Deus por Cristo*[128], mas, para que não sejamos tentados a atribuir esta convicção às nossa próprias forças, ele logo acrescenta este desenvolvimento de seu pensamento: *Não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento, como de nós mesmos. Nossa capacidade vem de Deus. Ele é que nos fez aptos para ser ministros da Nova Aliança; não a da letra e sim a do Espírito. Porque a letra mata, mas o Espírito vivifica*[129].

Capítulo XXXI

O Velho Testamento foi substituído por um dom maior de Deus.

Assim, essa Lei, como dito em outro lugar, *É um complemento ajuntado em vista das transgressões*[130]. Este é o motivo dessa letra, escrita fora do ser humano, ser chamada de ministério da morte e da condenação, pois nós cumprimos a justiça por dom de Deus e por ele somos livres da condenação que incorremos por causa da prevaricação.

---

[128] 2 Coríntios 3: 4.
[129] 2 Coríntios 3: 5 e 6.
[130] Gálatas 3: 19.

A letra desparece, portanto, mas o espírito permanece, pois a letra, esse pedagogo temível, desaparecerá, quando o amor substituir o medo[131]. De fato, *O Senhor é Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade*[132].

Por outro lado, devemos esse feliz estado, não aos nossos próprios méritos, mas à misericórdia divina. Daí estas palavras:

Por isso não desanimamos deste ministério que nos foi conferido por misericórdia. Afastamos de nós todo procedimento fingido e vergonhoso. Não andamos com astúcia, nem falsificamos a palavra de Deus[133].

Com as palavras astúcia e falsificação o Apóstolo quer dizer a hipocrisia que leva os orgulhosos a querer passar como justos.

Para fazer ressaltar ainda mais o caráter da graça, o Apóstolo utiliza este pensamento do Salmista: *Feliz aquele cuja iniquidade foi perdoada, cujo pecado foi absolvido. Feliz o homem a quem o Senhor não argui de falta e em cujo coração não há dolo*[134].

Este é o sentimento que anima os santos, a quem a humildade não permite fazer se passar pelo que não são.

---

[131] Cf. Gálatas 3: 24. *A Lei se nos tornou pedagogo encarregado de levar-nos a Cristo, para sermos justificados pela fé.*
[132] 2 Coríntios 3: 17.
[133] 2 Coríntios 4: 1 e 2.
[134] Salmo 31: 1 e 2 e Romanos 4: 8.

Um pouco depois o Apóstolo acrescenta: *De fato, não nos pregamos, a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor. Quanto a nós, consideramo-nos servos vossos por amor de Jesus. Por que Deus __ que disse: "Das trevas brilhe a luz"__ é também aquele que fez brilhar a sua luz em nossos corações, para que irradiássemos o conhecimento do esplendor de Deus, que se reflete na face de Cristo*[135].

Esta é então a ciência da glória de Deus, pela qual sabemos que ele é a luz e que é com esta luz que ele dissipa nossas trevas[136].

Ele insiste neste pensamento, dizendo: *Temos este tesouro em vasos de barro, para que transpareça claramente que este poder extraordinário provém de Deus e não de nós*[137].

Pouco depois e sempre para exaltar a graça que encontramos com abundância na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, ele chega a falar da vestimenta da justiça e da fé, pela qual *suspiramos e anelamos ser sobrevestidos da nossa habitação celeste, contanto que sejamos achados vestidos e não despidos. Pois, enquanto permanecemos nesta tenda, gememos oprimidos. Desejamos ser, não despojados, mas revestidos com uma veste nova por cima da outra, de modo que o que há de mortal em nós seja absorvido pela vida*[138].

---

[135] 2 Coríntios 4: 5 e 6.
[136] Cf. João 1: 4 e 5. *Nele havia a vida e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas e as trevas não a compreenderam.*
[137] 2 Coríntios 4: 7.
[138] 2 Coríntios 5: 2-4.

É então que ele clama: *Aquele que nos formou para este destino é Deus mesmo, que nos deu por penhor o seu Espírito*[139]. E, pouco depois, completa: *para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus*[140].

Esta é então a justiça de Deus. Não aquela que é essencial à sua natureza, mas aquela com a qual ele nos reveste e gratifica.

Capítulo XXXII

A verdadeira fé cristã admite a graça, além da Lei.

Que nenhum cristão se afaste dessa fé, pois só ela é a verdadeira fé cristã. Dizer que somos justos por nós mesmos, de sorte que a graça de Deus é absolutamente estranha a essa justificação, ninguém ousaria, diante da reprovação que atrairia dos fiéis verdadeiros cristãos.

É possível que se tome um desvio e se diga que não podemos ser justos sem a ação da graça de Deus, já que Deus nos deu a Lei, estabeleceu uma doutrina, nos estabeleceu bons princípios.

Que se saiba então que tudo isso, sem a ajuda do Espírito, não passa de letra que mata. Ao mesmo tempo, sob a ação vivificante do Espírito de Deus, essa mesma Lei, que havia sido escrita exterior-

[139] 2 Coríntios 5: 5.
[140] 2 Coríntios 5: 21.

mente e que só inspirava o medo, foi gravada interiormente em nossos corações e encontra no amor seu seguro cumprimento.

Capítulo XXXIII

A diferença entre o Antigo e o Novo Testamento, descrita pelo profeta Jeremias.

Esta verdade está admiravelmente confirmada por este oráculo do Profeta:

Dias hão de vir - oráculo do Senhor - em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Será diferente da que concluí com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito, aliança que violaram embora eu fosse o Senhor deles. Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel - oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração. Serei o seu Deus e Israel será o meu povo. Então, ninguém terá encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: "Aprenda a conhecer o Senhor", por que todos me conhecerão, grandes e pequenos - oráculo do Senhor -, pois a todos perdoarei as faltas, sem guardar nenhuma lembrança de seus pecados[141].

Que temos que acrescentar a estas palavras? Percorrendo os livros antigos não encontraremos em nenhum lugar __ ou faríamos

[141] Jeremias 31: 31-34.

isso com muita dificuldade __ uma passagem profética tão formal assim, onde, sobretudo o Novo Testamento é designado pelo seu próprio nome.

Em muitos lugares nos são descritos o caráter e os frutos desse Novo Testamento, mas sem que seu nome nos seja indicado formalmente.

Assim então, segundo o próprio testemunho de Deus, considere atentamente a diferença que existe entre os dois Testamentos: o Antigo e o Novo.

Capítulo XXXIV

A observação da letra é operada pelo Espírito.

O Profeta disse: *Firmarei nova aliança, diferente da que concluí com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito*[142]. Veja que ele acrescenta: *aliança que violaram, embora eu fosse o esposo deles*. Ele lhes diz que o crime foi eles não terem cumprido a aliança com Deus, por que não quer que se possa julgar como sua culpa a Lei que então receberam. Pois esta Lei, de fato, é aquela que o Salvador disse que não veio destruir, mas aprimorar[143].

[142] Jeremias 31: 31 e 32.
[143] Mateus 5: 17. *Não julgueis que vim abolir a Lei ou os profetas. Não vim para aboli-los, mas sim, para levá-los à perfeição*.

No entanto, não é por esta Lei, mas pela graça, que os pecadores são justificados, pois essa justificação é obra do Espírito vivificante, sem o qual, a Lei não passa de uma letra que mata.

Se fosse dada uma lei que pudesse vivificar, em verdade a justiça viria pela lei. Mas a Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem[144].

É em virtude desta promessa, ou seja, em virtude do benefício de Deus, que a própria Lei é cumprida. Não fosse assim, ela só faria prevaricadores. Seja por que a prevaricação chegue até às obras criminosas, quando a chama da concupiscência quebra e ultrapassa as barreiras que o medo podia lhe opor. Seja por que ela fica na vontade, quando o medo do castigo é suficientemente forte para sufocar os atrativos da paixão.

A Escritura encerrou tudo sob o império do pecado, para que a promessa, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse cumprida aos que creem, diz o Apóstolo. Ele não podia formular melhor a utilidade de sua conclusão. De fato, ele conclui: *Antes que viesse a fé, estávamos encerrados sob a vigilância de uma Lei, esperando a revelação da*

[144] Gálatas 3: 21 e 22.

fé[145]. Este é o motivo da Escritura ter nos encerrados todos sob o império do pecado.

Por consequência, a Lei nos foi dada para que buscássemos a graça e a graça nos foi dada para assegurar o cumprimento da Lei.

Por outro lado, se a Lei não fosse cumprida, isso não seria um vício inerente à sua própria constituição, mas sim um vício da astúcia da carne.

Esse vício foi mostrado pela Lei, mas ele só pôde ser curado pela graça, pois, *O que era impossível à Lei, visto que a carne a tornava impotente, Deus o fez. Enviando, por causa do pecado, o seu próprio Filho, numa carne semelhante à do pecado, condenou o pecado na carne, a fim de que a justiça, prescrita pela Lei, fosse realizada em nós, que vivemos não segundo a carne, mas segundo o espírito*[146].

Este é o pensamento já formulado no oráculo profético citado acima: *Dias hão de vir - oráculo do Senhor - em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá*[147]. Observe-se que é dito *firmarei*. O que isto quer dizer, se não é *cumprirei*? Mas, *diferente*

[145] Gálatas 3: 23.
[146] Romanos 8: 3 e 4.
[147] Jeremias 31: 31.

da que concluí com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito[148].

Capítulo XXXV

O Espírito que faz perseverar no cumprimento da Lei é a novidade do Novo Testamento.

Assim então o primeiro Testamento só se tornou Antigo por que temos um Novo. Mas, por que um Antigo e outro Novo, quando a Lei que é cumprida pelo Novo Testamento é a mesma que dizia no Antigo: *Não cobiçarás!*[149]? Por que o Antigo eles o *violaram embora eu fosse o Senhor deles*, diz o Senhor[150].

Se então o primeiro Testamento é chamado de Antigo sobretudo por causa da doença da pessoa antiga; doença que, de forma alguma, não era curada pela letra prescritiva e ameaçadora. E, se o segundo é chamado de Novo Testamento, é por causa da novidade do espírito que cura a pessoa nova da doença da decrepitude.

Por fim, observe-se o que se segue e veja-se o brilho com que resplandece essa verdade que os orgulhosos pelagianos não ousam considerar: *Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel - oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu*

[148] Jeremias 31: 32.
[149] Êxodo 20: 17.
[150] Jeremias 31: 32.

coração[151]. Este é o pensamento que inspirou estas palavras já citadas do Apóstolo: *Escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações*[152].

E, se o Apóstolo nos fala de uma maneira tão explícita do Novo Testamento, quando diz: *Ele é que nos fez aptos para ser ministros da Nova Aliança; não a da letra e sim a do Espírito. Por que a letra mata, mas o Espírito vivifica*[153], é por que ele tinha em vista a profecia que clamava: *gravá-la-ei em seu coração*[154].

De fato, o Senhor disse formalmente *gravá-la-ei em seu coração* no mesmo instante em que anunciava o Novo Testamento.

Capítulo XXXVI

A Lei de Deus escrita no coração humano é a força do amor derramado pelo Espírito Santo neste mesmo coração.

O que são então essas leis de Deus, escritas pelo próprio Deus nos corações, se não é a própria presença do Espírito Santo, que é o dedo de Deus[155]? Só pela presença em nós, ele derrama o amor em

[151] Jeremias 31: 33.
[152] 2 Coríntios 3: 3.
[153] 2 Coríntios 3: 6.
[154] Jeremias 31: 33.
[155] Cf. Lucas 11: 20. *Mas se expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente é chegado a vós o Reino de Deus*.

nossos corações[156] e esse amor não é outra coisa que a plenitude da Lei[157] e o fim dos preceitos.

As promessas do Antigo Testamento são terrenas. Todavia, com exceção dos sacramentos que eram apenas sombras das coisas que deveriam vir[158] __ como a circuncisão, o sábado, as prescrições sobre este dia, as cerimônias sobre a ingestão de certos alimentos[159], os múltiplos ritos de sacrifícios e oblações; tudo coerente com a decrepitude e o jugo servil da lei carnal __ ela contém também os preceitos de justiça que são os mesmos que ainda temos que observar hoje em dia e que estão contidos, sem nenhum símbolo, nas duas tábuas do Sinai. São eles, por exemplo: *Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não levantarás falso testemunho, não cobiçarás*[160]. E, quaisquer *outros mandamentos que existam, eles se resumem nestas palavras: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo"*[161].

Por fim, este mesmo Testamento abunda em promessas terrenas e temporais, que anunciam os bens da carne corruptível, sob a forma dos quais encontramos a simbolização dos bens eternos e ce-

---

[156] Cf. Romanos 5: 5. *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*.
[157] Cf. Romanos 13: 10. *O amor é o pleno cumprimento da Lei*.
[158] Cf. Colossenses 2: 17.
[159] Cf. Livro II das Retratações, cap. 37.
[160] Êxodo 20: 13-17.
[161] Romanos 13: 9.

lestes, os únicos com os quais se ocupa diretamente o Novo Testamento.

Agora, de fato, o que nos é prometido é o bem do coração, o bem do espírito, o bem da alma; ou seja, os bens espirituais. Este é o sentido destas palavras: *Porei minha Lei em suas entranhas; gravá-la-ei em seu coração*[162].

Isto foi profetizar muito claramente que eles não teriam mais que temer uma lei que aterroriza exteriormente com ameaças, mas que eles amariam a justiça da Lei que habita em seus corações.

Capítulo XXXVII

O amor prepara o ser humano para a semelhança final com Deus.

Em seguida vem a recompensa: *Serei o seu Deus e Israel será o meu povo*[163]. O Salmista falava de Deus no mesmo sentido: *Para mim, a felicidade é me aproximar de Deus*[164]. E o Senhor clama: *Serei o seu Deus e Israel será o meu povo*.

[162] Jeremias 31: 33. *Dabo legem meam in visceribus eorum et in corde eorum scribam eam.*
[163] Jeremias 31: 33.
[164] Salmo 72: 28.

O que há de melhor, o que há de mais feliz, do que viver para Deus, viver de Deus[165], onde está a fonte da vida e, na luz de quem, nós vemos a luz[166].

Foi dessa vida que o Senhor falou, quando disse: *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste*[167], ou seja, vós e aquele que enviastes, Jesus Cristo, o único Deus verdadeiro.

O Salvador havia feito uma promessa aos seus discípulos, dizendo: *Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai e eu o amarei e manifestar-me-ei a ele*[168]. A saber, sob a forma de Deus, na qual ele é semelhante ao seu Pai e não na forma de escravo[169], na qual ele se mostrará aos ímpios.

Então, de fato, se realizarão estas palavras: "Que o ímpio desapareça, para que ele não veja a glória do Senhor"[170]. Isto é o que acontecerá quando os maus, colocados à esquerda, forem precipitados

---

[165] Cf. Romanos 6: 11. *Vós também considerai-vos mortos ao pecado, porém vivos para Deus, em Cristo Jesus.*
[166] Cf. Salmo 35: 10.
[167] João 17: 3.
[168] João 14: 21.
[169] Cf. Filipenses 2: 6 e 7. *Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens.*
[170] Isaías 26: 10 (Septuaginta).

nas chamas eternas, enquanto os justos irão desfrutar das alegrias da eternidade[171].

Esta vida eterna, como eu já lembrei, consiste precisamente em conhecer o único Deus verdadeiro[172]. Daí estas palavras de São João: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*[173].

Esta semelhança, no entanto, começa a ser construída no ser humano quando ele se renova interiormente dia a dia[174], segundo o modelo Daquele que a criou[175].

Capítulo XXXVIII

A perfeição do estado final, nas palavras de São Paulo.

Mas, para chegar a essa perfeição que nos espera, o que somos e o que merecemos aqui embaixo?

---

[171] Cf. Mateus 25: 46.
[172] Cf. João 17: 3. *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo que enviaste*.
[173] 1 João 3: 2.
[174] Cf. 2 Coríntios 4: 16. *Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia*.
[175] Colossenses 3: 9 e 10. *Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem Daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento*.

Para dar conta dessas coisas inefáveis, o Apóstolo, procurando pontos de comparação nas coisas que nos são conhecidas, nos chama de crianças, comparadas com adultos.

Ele diz: *Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança*[176].

Imediatamente ele nos revela seu pensamento, dizendo: *Hoje vemos como por um espelho, confusamente, mas então, veremos face a face. Hoje conheço em parte, mas então, conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*[177].

Capítulo XXXIX

A perfeição do estado final, nas palavras do profeta Jeremias.

O profeta Jeremias, cujo testemunho estudamos, não deixa de enunciar que é no conhecimento de Deus que se encontra a recompensa, o fim, a perfeição de nossa felicidade, o resumo da vida feliz e eterna.

Após ter dito: *Serei o seu Deus e Israel será o meu povo*[178], ele logo acrescenta: *Então, ninguém terá encargo de instruir seu próxi-*

[176] 1 Coríntios 13: 11.
[177] 1 Coríntios 13: 12.
[178] Jeremias 31: 33.

mo ou irmão, dizendo: "Aprende a conhecer o Senhor", por que todos me conhecerão, grandes e pequenos[179].

Estamos seguramente hoje em dia sob o reinado do Novo Testamento que o Profeta nos prometeu, de acordo com as palavras já citadas. Por que então todos ainda dizem ao seu próximo e ao seu irmão: *"Aprende a conhecer o Senhor"*? Isto não é, de fato, pregar o Evangelho e toda pregação não se resume nestas palavras?

Se o Apóstolo se diz doutor dos gentios[180], é por que ele pratica o que prega e disto ele fala: *Como invocarão aquele em quem não têm fé? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão falar, se não houver quem pregue?*[181]

Agora então que essa pregação acontece em todos os lugares, como podemos afirmar que estamos sob o reinado do Novo Testamento mencionado pelo Profeta, quando ele disse: *Então, ninguém terá encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: "Aprende a conhecer o Senhor", por que todos me conhecerão, grandes e pequenos*?

A resposta é fácil; o Profeta nos fala aqui da recompensa eterna do Novo Testamento, ou seja, da contemplação bem-aventurada de Deus, que veremos face a face.

---

[179] Jeremias 31: 34.
[180] Cf. 1 Timóteo 2: 7. *Fui constituído pregador, apóstolo e doutor dos gentios, na fé e na verdade*.
[181] Romanos 10: 14.

Capítulo XL

O mistério da graça faz parte do mistério da predestinação ou da liberdade divina.

Quais são então aqueles que ele designa pelas palavras *grandes e pequenos*? Não são todos aqueles que pertencem espiritualmente à casa de Israel e à casa de Judá, ou seja, a família de Isaac e a descendência de Abraão?

Escutemos o Apóstolo recordando a promessa feita a Abraão:

Nem todos os que descendem de Israel são verdadeiros israelitas, como nem todos os descendentes de Abraão são filhos de Abraão. Mas, é em Isaac que terás uma descendência que trará o teu nome. Isto é, não são os filhos da carne que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que serão considerados como descendentes. Realmente, a palavra da promessa é esta: "Por este tempo virei e Sara terá um filho". E não somente ela, senão também Rebeca, que concebeu dois filhos de um só homem, Isaac, nosso patriarca. Antes mesmo que fossem nascidos e antes que tivessem feito bem ou mal algum (para que fosse confirmada a liberdade da escolha de Deus, que depende não das obras, mas daquele que chama), foi dito a Re-

beca: "O mais velho servirá o mais moço". Como está escrito: "Amei Jacó, porém aborreci Esaú"[182].

Estas são a casa de Israel e a casa de Judá, escolhidas com vistas a Jesus Cristo, que veio da tribo de Judá. Se estas casas se tornaram a casa dos filhos da promessa, não foi pela graça ou pelo mérito de suas próprias obras, mas graças à escolha e ao livre arbítrio de Deus.

De fato, Deus promete o que ele mesmo cumpre. Não é ele que promete e outro cumpre, pois então isso não seria prometer, mas profetizar.

Daí estas palavras: *Depende não das obras, mas daquele que chama*[183], pois, não fosse assim, seria obra própria e não de Deus e recompensa seria imputada não à graça mas ao mérito[184]. Desta forma, a graça não seria mais a graça[185], apesar das palavras formais deste Apóstolo, *o menor dos apóstolos*, que se constituiu um ardente defensor da graça e que trabalhou mais que os outros. Não ele, mas a graça de Deus com ele[186].

---

[182] Romanos 9: 6-13.
[183] Romanos 9: 12.
[184] Cf. Romanos 4: 4. *Ora, o salário não é gratificação, mas uma dívida ao trabalhador*.
[185] Cf. Romanos 11: 6. *E se é pela graça, já não o é pelas obras; de outra maneira, a graça cessaria de ser graça*.
[186] Cf. 1 Coríntios 15: 9 e 10. *Eu sou o menor dos apóstolos e não sou digno de ser chamado apóstolo, por que persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo*.

Todos me conhecerão, disse Deus. *Todos*, ou seja, a casa de Israel e a casa de Judá.

Nem todos os que descendem de Israel são verdadeiros israelitas, mas somente aqueles predestinados para receberem a luz da manhã, como é dito no Salmo: *A luz da ciência que eu derramo sobre todos é como a luz da manhã*[187], ou seja, a luz nova, a luz do Novo Testamento.

Vós que temeis o Senhor, louvai-o. Vós todos, descendentes de Jacó, aclamai-o. Temei-o, todos vós, estirpe de Israel[188]. Não se trata aqui de toda a descendência, considerada em sua universalidade absoluta, que inclui todos aqueles para os quais foram feitas as promessas e o chamado, mas somente aqueles que foram chamados segundo o decreto divino. Pois, *aqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios. Os que ele distinguiu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que este seja o primogênito entre uma multidão de irmãos. E, aos que predestinou, também os chamou e aos que chamou, também os justificou e aos que justificou, também os glorificou*[189].

É pela fé que alguém se torna herdeiro. Portanto, gratuitamente. E a promessa é assegurada a toda a posteridade de Abraão, não

---

[187] Salmo 24: 44.
[188] Salmo 21: 24.
[189] Romanos 8: 28-30.

somente aos que procedem da Lei __ ou seja, daqueles que vieram do Velho Testamento e passaram para o novo __ *mas também aos que possuem a fé de Abraão* __ ou seja, os imitadores da fé de Abraão __ *que é pai de todos nós. Em verdade, está escrito: "Eu te constituí pai de muitas nações"; nosso pai, portanto*[190].

Assim então, todos os predestinados, chamados, justificados, glorificados, conhecerão Deus pela graça do Novo Testamento; sejam *grandes* ou *pequenos*.

Capítulo XLI

A hora da contemplação será simultânea para toda a humanidade conjuntamente.

Da mesma forma como a lei das obras, escrita nas tábuas de pedra e a recompensa temporal que recebeu a casa carnal de Israel, quando foi libertada do Egito, pertencem ao Antigo Testamento; assim também, a lei da fé, escrita nos corações e sua recompensa, que não é outra coisa além da posse de Deus e prêmio da casa espiritual de Israel libertada deste mundo, pertencem ao Novo Testamento.

Então se cumprirão estas palavras do Apóstolo: *As profecias desaparecerão, o dom das línguas cessará, o dom da ciência finda-*

[190] Romanos 4: 16 e 17.

rá[191]. Ele fala da ciência das crianças, a única que conhecemos e que só nos permite conhecer em parte, em enigma e como que por um espelho[192].

Uma ciência assim tornou necessária a profecia, pois, ao passado sucede o futuro. Daí as línguas, ou seja, a multiplicidade dos sinais, pois a verdade só nos aparece sucessivamente, até que a luz eterna a faça resplandecer aos nossos olhos, com toda sua realidade.

Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá[193]. Então, aquele que apareceu para nós uma primeira vez na carne se revelará àqueles que o amam e será a vida eterna, para que conheçamos o único e verdadeiro Deus[194]. Nós seremos semelhantes a ele[195] por que o conheceremos como somos conhecidos[196].

Então, ninguém terá encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: "Aprenda a conhecer o Senhor", por que todos me conhecerão, grandes e pequenos[197]. Podemos dar a esta frase numerosos

---

[191] 1 Coríntios 13: 8.
[192] Cf. 1 Coríntios 13: 9-12. *A nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita. Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Desde que me tornei homem, eliminei as coisas de criança. Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*.
[193] 1 Coríntios 13: 10.
[194] Cf. João 17: 3. *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, que enviaste*.
[195] Cf. 1 João 3: 2. *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*.
[196] Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*.
[197] Jeremias 31: 34.

significados. Podemos ver aí a diferença que separa no céu uma estrela de outra[198].

Pouco importa, aliás, que o Profeta tenha utilizado a frase *grandes e pequenos*, invés de dizer: "pequenos e grandes". Da mesma forma, pouco importa também que entendamos como pequenos aqueles que se contentam em acreditar e grandes aqueles que seriam capazes de compreender __ na medida em que isso nos é possível sobre a terra __ a luz incorpórea e imutável.

Talvez também, por pequenos o Apóstolo quis dizer aqueles que chegaram por último à fé, enquanto que os grandes seriam os primeiros convertidos. Todos, no entanto, possuirão em comum o que foi objeto das promessas divinas: a contemplação e a posse de Deus, pois, inspirados pelos nobres impulsos de sua caridade, os grandes quiseram nos propiciar os bens por excelência e fazer, de alguma maneira, de nossa perfeição, o coroamento de sua própria perfeição[199].

Sob este ponto de vista ainda, os primeiros poderiam ser considerados como os pequenos, por que eles esperaram por mais tempo. Vemos que, na parábola evangélica, a recompensa foi concedida

---

[198] Cf. 1 Coríntios 15: 41. *Uma é a claridade do sol, outra a claridade da lua e outra a claridade das estrelas e ainda uma estrela difere da outra na claridade*.

[199] Cf. Hebreus 11: 40. *Deus, que tinha para nós uma sorte melhor, não quis que eles chegassem sem nós à perfeição*.

primeiro aos trabalhadores que chegaram por último na vinha do pai de família[200].

Enfim, podem ser dadas a esta passagem um número grande de outras interpretações que me escapam neste momento e que podem se adequar ao pensamento do Apóstolo.

Capítulo XLII

A ajuda interior da graça constitui a diferença específica entre o Antigo e o Novo Testamento.

Seja como for, esforce-se para compreender o mais perfeitamente possível o ponto que tento esclarecer.

Na promessa que o Profeta faz do Novo Testamento, não encontramos nada do que caracterizou o Antigo Testamento que foi dado a Israel após sua saída do Egito.

Ele mantém silêncio sobre a substituição do Antigo Sacrifício e dos Antigos Sacramentos pelos novos, embora essa substituição devesse acontecer e tenha realmente acontecido, como nos atestam as Santas Escrituras em um grande número de passagens.

Ele se contenta em afirmar que, no Novo Testamento, Deus gravará suas leis nos espíritos dos fiéis e as escreverá em seus corações. Daí vem estas palavras do Apóstolo: *Vós sois uma carta de*

[200] Cf. Mateus 20: 8-12.

Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações[201].

Quanto à recompensa que coroará essa justificação, não se trata, de forma alguma, da terra da qual foram expulsos os Amorreus, os Hiteus e outros povos enumerados nas Escrituras[202]. Essa recompensa é o próprio Deus, a quem nos faz bem aderir, de tal sorte que esse Deus que amamos é ele mesmo o bem que aspiramos. Entre esse Deus e os humanos, nenhuma separação é possível, exceto pelo pecado e o pecado só é apagado pela graça de Deus.

Daí o porquê destas primeiras palavras do Profeta: *Todos me conhecerão, grandes e pequenos* serem logo seguidas destas: *pois a todos perdoarei as faltas, sem guardar nenhuma lembrança de seus pecados*[203].

Desta forma, pela lei das obras o Senhor nos diz: *Não cobiçarás!* e, pela lei da fé, esse mesmo Senhor clama: *Sem mim nada podeis fazer*[204] e, nestas palavras, tratam-se das boas obras, ou seja, dos frutos que devem produzir os ramos podados da *verdadeira videira*.

Esta é, portanto, a diferença evidente que existe entre o Antigo e o Novo Testamento. No Antigo, a Lei era gravada em tábuas de

[201] 2 Coríntios 3: 3.
[202] Cf. Josué 12.
[203] Jeremias 31: 34.
[204] Cf. João 15: 1-5.

pedra; no Novo, ela é escrita nos corações. Desta maneira, o que amedrontava exteriormente agora produz alegria interiormente. O que tornava o ser humano prevaricador, através da letra que mata, agora gera o amor através do Espírito vivificador.

Por consequência, quando dizemos que Deus nos ajuda a cumprir toda a justiça e opera em nós o querer e o agir, ao seu beneplácito[205], não é por que ele faz ressoar em nossos sentidos exteriores os preceitos da justiça, mas por que ele provoca o crescimento interior[206], derramando o amor *em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*[207].

Capítulo XLIII

A Lei divina escrita pela natureza nos corações dos gentios.

O Apóstolo escreveu aos Romanos:

Os pagãos, que não têm a Lei, fazendo naturalmente as coisas que são da Lei, embora não tenham a Lei, a si mesmos servem de Lei. Eles mostram que o objeto da Lei está gravado nos seus corações, dando-lhes testemunho a sua consciência, bem como os seus raciocínios, com os quais se acusam ou se escusam mutuamente[208].

---

[205] Cf. Filipenses 2: 13. *Por que é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em vós o querer e o executar.*
[206] C. 1 Coríntios 3: 7. *Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer*.
[207] Romanos 5: 5.
[208] Romanos 2: 14 e 15.

Estas palavras precisam ser bem compreendidas, para manter o caráter particular do Novo Testamento. De fato, vimos que o Senhor havia prometido gravar suas Leis nos corações de seu povo e aqui o Apóstolo declara que os gentios trazem essas Leis escritas naturalmente em seus corações, de tal sorte que, mesmo não tendo a Lei, eles fazem naturalmente o que a Lei ordena.

No que então os fiéis se distinguem dos gentios? Estes então não seriam mais importantes do que o povo antigo, que recebeu a Lei em tábuas de pedra e até mesmo do que o povo novo, pelo menos quanto à prioridade, já que nós recebemos pelo Novo Testamento o que os pagãos tinham naturalmente?

Capítulo XLIV

Os gentios que creem nos Evangelhos.

Mas o Apóstolo quis mesmo afirmar que as nações têm escritas em seus corações a Lei própria do Novo Testamento? Busquemos compreender bem o alcance de sua linguagem.

Vejamos primeiro o que ele nos diz do Evangelho: *Ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê; ao judeu em primeiro lugar e depois ao grego. Por que nele se revela a justiça de*

Deus, que se obtém pela fé e conduz à fé, como está escrito: "O justo viverá pela fé"[209].

O Apóstolo fala em seguida dos ímpios cujo orgulho tornou inútil para eles o conhecimento até mesmo de Deus, por que eles *não o glorificaram como Deus e não lhe deram graças*[210]. Depois ele passa para aqueles que julgam e fazem o que condenam, ou seja, os judeus que se glorificavam pela Lei de Deus.

No entanto, ao tratar desses judeus, ele se abstém de nomeá-los e clama:

Ira e indignação aos contumazes, rebeldes à verdade e seguidores do mal. Tribulação e angústia sobrevirão a todo aquele que pratica o mal; primeiro ao judeu e depois ao grego. Mas glória, honra e paz a todo o que faz o bem; primeiro ao judeu e depois ao grego. Por que, diante de Deus, não há distinção de pessoas. Todos os que, sem a Lei, pecaram, sem aplicação da Lei perecerão e quantos pecaram sob o regime da Lei, pela Lei serão julgados. Por que diante de Deus não são justos os que ouvem a Lei, mas serão tidos por justos os que praticam a Lei[211].

Aí então, São Paulo formula estas palavras, cujo sentido tentamos penetrar: *Os pagãos, que não têm a Lei, fazendo naturalmente*

---

[209] Romanos 1: 16 e 17.
[210] Romanos 1: 21.
[211] Romanos 2: 8-13.

as coisas que são da Lei, embora não tenham a Lei, a si mesmos servem de Lei[212].

Por outro lado, sob a denominação de gentios, o Apóstolo quer dizer os pagãos em geral e, particularmente, os gregos, que ele cita em vários lugares. Por exemplo, quando ele diz: *primeiro ao judeu e depois ao grego*.

Se o Evangelho *é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê; ao judeu em primeiro lugar e depois ao grego*; se a *Ira e a indignação, a tribulação e a angústia sobrevirão a todo aquele que pratica o mal; primeiro ao judeu e depois ao grego*; se a *glória, honra e paz* são a recompensa a *todo o que faz o bem; primeiro ao judeu e depois ao grego*; se, enfim, esse grego significa todos os gentios que cumprem naturalmente o que a Lei ordena e que possuem a Lei escrita em seus corações, é certo que esses gentios, que possuem a Lei escrita em seus corações, pertencem ao Evangelho, pois esse Evangelho é para eles a *força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê*.

Podemos supor que é aos gentios colocados fora da graça do Evangelho que o Apóstolo promete a glória, a honra e a paz, se eles fazem o bem? *Por que, diante de Deus, não há distinção de pessoas. Por que diante de Deus não são justos os que ouvem a Lei, mas se-*

[212] Romanos 2: 14

rão tidos por justos os que praticam a Lei, devemos admitir que a salvação pelo Evangelho será concedida a todos aqueles que têm uma fé verdadeira, pouco importa que ele seja judeu, grego ou gentio.

De fato, como o Apóstolo disse um pouco depois: *Não há distinção; todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente por sua graça; tal é a obra da redenção, realizada em Jesus Cristo*[213].

Em virtude de que se pode dizer que o grego que cumpriu a Lei pode ser justificado, se não é através da graça do Salvador?

Capitulo XLV

O sentido da frase: *Serão tidos por justos os que praticam a Lei*.

Com as palavras *serão tidos por justos os que praticam a Lei*, o Apóstolo não se coloca em contradição com ele mesmo. Esta contradição existiria se ele afirmasse que eles serão justificados por suas obras e não pela graça, pois, em outro lugar, ele proclama abertamente que o ser humano é justificado gratuitamente pela fé, sem as obras da lei[214]. *Gratuitamente*, ou seja, que as obras não precedem a justificação.

[213] Romanos 3: 22-24.
[214] Cf. Romanos 3: 28. *Julgamos que o ser humano é justificado pela fé, sem as observâncias da Lei*.

De fato, lemos em outro trecho: *Se é pela graça, já não o é pelas obras; de outra maneira, a graça deixaria de ser graça*[215].

As palavras: *serão tidos por justos os que praticam a Lei* devem então ser entendidas no sentido de que, não seriam praticantes da Lei se não fossem justos. De sorte que, não é a justificação que advém das obras, mas sim que as obras que advém da justificação. Ser justificado não é ser tornado justo por *aquele que justifica o ímpio*[216], ou seja, que o faz passar do pecado à justiça?

Suponhamos que seja dito: "Os seres humanos serão libertados"; isto significa que, à nossa condição de seres humanos, será acrescentada a condição de libertos. Mas, se for dito: "Os seres humanos serão criados"; isto não pode significar que aqueles que já existiam serão criados. Afirma-se unicamente que é pela criação que eles se tornam seres humanos.

Da mesma forma, se fosse dito: "Aqueles que cumprem a lei serão honrados"; entenderíamos com isso que a honra virá se juntar, em sua pessoa, ao cumprimento da lei. Mas, quando se diz: "Aqueles que cumprem a Lei serão justificados", estas palavras não significam que os justos serão justificados? Pois só os justos cumprem a Lei. É como se fosse dito; "Os observadores da lei serão criados", ou seja, sendo já seres humanos, eles se tornarão observadores da lei.

[215] Romanos 11: 6.
[216] Romanos 4: 5.

Daí, os judeus, que já tinham recebido a Lei, deviam compreender que precisavam da graça do soberano Justificador, para poderem observar a Lei.

Ou ainda as palavras "Eles serão justificados" poderiam significar: "Eles serão vistos como justos; eles passarão por justos". É desta forma que é dito daquele personagem do Evangelho: *Mas ele, querendo justificar-se*[217]; ou seja, querendo se fazer passar e ser visto como justo.

Mas, não é assim quando dizemos: "Deus santifica seus santos". Ou então: *Santificado seja o vosso nome*[218]. No primeiro caso, afirmamos que Deus torna santos aqueles que não eram; enquanto que, mesmo reconhecendo que o nome de Deus é essencialmente santo, pedimos que ele seja visto assim pelas pessoas e reverenciado com um temor salutar.

Capítulo XLVI

O novo Israel segundo o espírito.

Se então, ao dizer que os gentios fazem naturalmente o que prescreve a Lei e que eles possuem a Lei escrita em seus corações, o Apóstolo quer dizer que aqueles que acreditam em Jesus Cristo e

[217] Lucas 10: 29.
[218] Mateus 6: 9.

chegam à fé antes de terem recebido, como os judeus, a manifestação da Lei, nós não temos mais que nos preocupar em saber qual distinção podemos estabelecer entre os gentios e aqueles aos quais o Senhor, através de seu Profeta, prometeu o Novo Testamento e dos quais ele disse que tinham a Lei escrita em seus corações.

De fato, esses gentios, estando enxertados na oliveira, formam um todo com essa oliveira, ou seja, com o povo de Deus[219]. Por consequência, reina um perfeito acordo entre o oráculo profético e o testemunho do Apóstolo. Desta forma, pertencem ao Novo Testamento aqueles que possuem a Lei escrita, não em tábuas de pedra, mas em seus corações, ou seja, aqueles que abraçam a justiça da Lei com toda a sinceridade de sua alma, desde que a fé opere pela caridade[220].

O Senhor justifica as nações pela fé. *Prevendo a Escritura que Deus justificaria os povos pagãos pela fé, anunciou esta boa nova a Abraão: "Em ti todos os povos serão abençoados"*[221]. Em virtude desta promessa a oliveira selvagem devia ser implantada na oliveira mansa e os gentios fiéis deviam se tornar os filhos de Abraão, pela *sua descendência, isto é, Cristo*[222].

---

[219] Cf. Romanos 11: 24. *Se tu, cortada da oliveira de natureza selvagem, contra a tua natureza foste enxertada em boa oliveira, quanto mais eles, que são naturais, poderão ser enxertados na sua própria oliveira!*
[220] Cf. Gálatas 5: 6: *Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pela caridade*.
[221] Gálatas 3: 8 e Gênesis 18: 18. *Abraão deve tornar-se uma nação grande e poderosa e todos os povos da terra serão benditos nele*.
[222] Gálatas 3: 16.

De fato, eles não compartilham da fé daquele que, sem ter recebido a Lei em tábuas de pedra e antes mesmo de possuir a circuncisão, *acreditou em Deus e isso lhe foi imputado em conta de justiça*[223]?

Foi neste mesmo sentido que o Apóstolo falou dos gentios: *Eles mostram que o objeto da Lei está gravado nos seus corações*[224]. *Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações*[225].

Desta forma, de fato, tornam-se membros da casa de Israel por que sua incircuncisão passa a equivaler à circuncisão e invés de mostrar a justiça da Lei com a mutilação da carne, eles a trocam pela caridade do coração, por que, como escreve o Apóstolo: *Se o incircunciso observa os preceitos da Lei, ele será considerado como circunciso, apesar de sua incircuncisão*[226].

Por consequência, todos os verdadeiros filhos de Israel __ dessa casa onde a falsidade não mora[227] __ se tornam participantes do Novo Testamento, por que Deus grava suas leis em seus espíritos e as escreve com seus dedos em seus corações[228], através do Espírito

[223] Gênesis 15: 6 e Romanos 4: 3.
[224] Romanos 2: 15.
[225] 2 Coríntios 3: 3.
[226] Romanos 2: 26.
[227] Cf. João 1: 47. *Jesus vê Natanael, que lhe vem ao encontro e diz: "Eis um verdadeiro israelita, no qual não há falsidade"*.
[228] Cf. Jeremias 38: 33 e Hebreus 10: 16.

Santo e o Espírito Santo, por seu lado, derrama em seus corações o amor[229], que é *o pleno cumprimento da Lei*[230].

Capítulo XLVII

A graça do espírito restaura em nós a imagem de Deus.

Como o Apóstolo pôde dizer que os gentios cumprem naturalmente as prescrições da lei e que fazem isso não através do espírito de Deus, mas pela fé e pela graça?

De fato, o espírito da graça tem por resultado renovar em nós a imagem divina, na qual fomos constituídos naturalmente.

Por seu lado, o vício é alguma coisa de contrário à natureza e ele só pode ser curado pela graça. Daí, estas palavras do Salmista: "Piedade para mim, Senhor! Curai-me, por que pequei contra vós"[231].

Neste sentido, então, os seres humanos cumprem naturalmente as prescrições da Lei, pois aqueles que não as cumprem cometem, de alguma forma, uma violência à sua natureza e se tornam escravos do vício.

O vício é o agente perverso que arranca a Lei do coração humano. Destrua este agente, cure este vício e a Lei reaparece e é cum-

[229] Romanos 5: 5.
[230] Romanos 13: 10.
[231] Salmo 40: 5.

prida naturalmente. E quando eu digo naturalmente, eu não quero dizer que a natureza exclui a graça, mas eu quero falar da natureza reparada da graça. Pois, *por um só homem entrou o pecado no mundo e, pelo pecado, a morte. Assim, a morte passou a todo o gênero humano, por que todos pecaram*[232]. E então, como *não há distinção, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus*, somos *justificados gratuitamente por sua graça*[233].

É com esta graça que é gravada, no ser mais íntimo renovado, a justiça que o pecado havia destruído. Ela reaparece então, em virtude da misericórdia infinita que Deus derramou sobre o gênero humano, através de Jesus Cristo Nosso Senhor. *Por que há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem*[234].

Capítulo XLVIII

Outro significado para aqueles que cumprem a Lei de Deus naturalmente.

Se então, as pessoas que cumprem naturalmente os preceitos da Lei não devem ser consideradas como sendo justificadas por Jesus Cristo, só nos resta classificá-las como ímpias, como aquelas que não prestam ao verdadeiro Deus o culto verdadeiro e legítimo.

---

[232] Romanos 5: 12.
[233] Romanos 3: 22-24.
[234] 1 Timóteo 2: 5.

Das vidas dessas pessoas nós lemos, nós conhecemos, nós ouvimos certos fatos que, longe de merecer qualquer censura, segundo os princípios da justiça, merecem, pelo contrário, aplausos e elogios, contanto que sejam vistos por eles mesmos e tal como eles acontecem. Trata-se de examinar o fim pelo qual esses fatos acontecem e será bem difícil encontrar neles aqueles que estejam conformes com a justiça e que mereçam elogios.

Na alma humana, a imagem de Deus não foi tão destruída pela mácula das afeições terrenas que não resta mais nenhum traço, nenhuma linha principal dessa imagem. Segue-se daí que, apesar da impiedade à qual essa alma se abandona, ela tem ainda alguma noção e algum amor pela Lei. Daí estas palavras: *Os pagãos, que não têm a Lei* __ ou seja, a Lei positiva revelada por Deus __ *fazendo naturalmente as coisas que são da Lei, embora não tenham a Lei, a si mesmos servem de Lei. Eles mostram que o objeto da Lei está gravado nos seus corações*[235].

Este discurso do Apóstolo significa, evidentemente, que o que foi gravado na alma humana pela imagem de Deus, quando ela foi criada, não está completamente destruído. Mas tudo isso ainda deixa inteira a diferença que distingue o Novo Testamento do Antigo e que assinalamos ao dizer que, pelo Novo Testamento a Lei de Deus foi

[235] Romanos 2: 14 e 15.

gravada nos corações dos fiéis, enquanto que, no Antigo Testamento, esta mesma Lei tinha sido escrita em tábua de pedra.

Não é menos verdadeiro dizer que houve uma renovação da Lei, pois essa Lei, quase inteiramente apagada pela decrepitude, se viu rejuvenescida nas almas. Da mesma forma como a imagem de Deus, mais ou menos alterada, mas não aniquilada pela impiedade, se renova com o Novo Testamento, nas almas daqueles que creem, assim também a Lei de Deus, mais ou menos deturpada, mas não inteiramente destruída pela injustiça, reaparece de novo, inteiramente renovada pela graça. Essa renovação __ que não passa, propriamente falando, da justificação __ não podia ser produzida entre os judeus pela Lei escrita nas tábuas de pedra, pois essa Lei só gerou a prevaricação.

De fato, embora sob o jugo do pecado, as pessoas eram humanas e, em virtude de sua própria natureza, sua alma tinha permanecido racional e, por isso mesmo, capaz de julgar e fazer o que é naturalmente bom e honesto.

Quanto à piedade, que nos transporta para uma vida feliz e eterna, ela tem por regra uma lei imaculada e condutora das almas à virtude[236], ou seja, ela as renova à luz sobrenatural e realiza nelas

[236] Cf. Salmo 18: 8. *A lei do Senhor é perfeita, reconforta a alma. A ordem do Senhor é segura, instrui o simples*.

estas palavras: *Quem nos fará ver a felicidade? Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz de vossa face*[237].

Foi por se afastarem dessa luz que os humanos mereceram cair nas trevas. Mas, quanto à renovação, isso só pode acontecer pela graça cristã, ou seja, pela intercessão do soberano Mediador. *Por que há um só Deus e há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que se entregou como resgate por todos* [238].

Se desta graça estão excluídos aqueles gentios que mencionamos e que, no sentido exposto precedentemente, *fazem naturalmente as coisas que são da Lei*[239], de que lhes servirão *os seus raciocínios, com os quais se acusam ou se escusam mutuamente*, *no dia em que, segundo o meu Evangelho, Deus julgar as ações secretas dos homens, por Jesus Cristo*[240]? Eles só podem esperar um certo abrandamento no rigor de suas penas.

Assim como o justo não é excluído da vida eterna por causa de certos pecados veniais que são inseparáveis de nossa existência, também o ímpio não encontrará, de forma alguma, sua salvação eterna através de algumas boas ações que são encontradas na vida de qualquer pessoa, mesmo entre os maiores celerados.

---

[237] Salmo 4: 7.
[238] 1 Timóteo 2: 5 e 6.
[239] Romanos 2: 14.
[240] Romanos 2: 15 e 16.

Por outro lado, no reino de Deus, a glória de um santo diferirá da glória de outro santo, como uma estrela difere de outra estrela[241]. Da mesma forma, as chamas eternas, o castigo de Sodoma, será menor do que de outra cidade[242] e esses reprovados serão duplamente os filhos do inferno, em comparação com outro[243]. Assim também, tudo nos força a admitir que pessoas, mesmo partilhando a mesma impiedade, se tornam muito mais culpadas do que outras.

Capítulo XLIX

Não há parcialidade em Deus.

Querendo repreender o orgulho dos judeus, o Apóstolo lhes disse: *Diante de Deus não são justos os que ouvem a Lei, mas serão tidos por justos os que praticam a Lei*[244]. Logo depois ele faz menção àqueles que, *não têm a Lei*, mas fazem *naturalmente as coisas que são da Lei*[245].

Se com estas palavras o Apóstolo designa não aqueles que pertencem à graça do Mediador, mas àqueles que, sem prestar ao verdadeiro Deus um culto legítimo, mesmo assim fazem algumas boas

---

[241] Cf. 1 Coríntios 15: 41. *Uma é a claridade do sol, outra a claridade da lua e outra a claridade das estrelas; e ainda uma estrela difere da outra na claridade*.
[242] Cf. Lucas 10: 12. *Naqueles dias haverá um tratamento menos rigoroso para Sodoma*.
[243] Cf. Mateus 23: 15. *Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Percorreis mares e terras para fazer um prosélito e, quando o conseguis, fazeis dele um filho do inferno duas vezes pior que vós mesmos*.
[244] Romanos 2: 13.
[245] Romanos 2: 14.

ações, apesar da impiedade de sua vida, que resultado São Paulo poderia esperar de suas palavras? Ele queria unicamente provar, como havia feito antes, que *não há distinção, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus*[246], ou, como ele dirá depois, *Deus só o é dos judeus? Não é também Deus dos pagãos? Sim, ele o é também dos pagãos*[247]?

Mas, nessas pessoas que não receberam a Lei, poderiam ser encontradas as obras naturais da Lei, por menores que fossem, se a imagem de Deus não tivesse deixado traços em suas almas? E essa imagem, quando é dado a essas pessoas acreditar em Deus, ela pode ser desprezada por Aquele que não faz distinção de pessoas?

Seja qual for, aliás, a opinião que se adote, é certo que, através mesmo do Profeta Jeremias, o Senhor prometeu sua graça ao Novo Testamento e essa graça deve ter como característica principal escrever a Lei de Deus nos corações humanos[248] e levar todos ao conhecimento de Deus, que dispensará o fiel de *instruir seu próximo ou irmão, dizendo: "Aprende a conhecer o Senhor", por que todos me conhecerão, grandes e pequenos*[249].

---

[246] Romanos 3: 22-24.
[247] Romanos 3: 29.
[248] Cf. Jeremias 31: 33.
[249] Jeremias 31: 34.

Este é o dom do Espírito Santo, pelo qual *o amor de Deus é derramado em nossos corações*[250]. Não se trata de uma caridade qualquer, mas da caridade de Deus, *nascida de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera*[251].

O justo, que vive dessa caridade neste mundo, após ter visto Deus apenas através de um véu e em enigma, o contemplará um dia face a face e depois de tê-lo conhecido somente em parte, o conhecerá perfeitamente, como ele próprio é conhecido[252].

Ele pediu uma graça ao Senhor e pede também para morar na casa do Senhor todos os dias de sua vida, para lá contemplar a beleza do Senhor[253].

Capítulo L

Todos recebem de Deus a graça, além da Lei.

Que ninguém se glorifique do que possui como não o tivesse recebido[254] e mesmo que até mesmo evite acreditar que não recebeu outra graça além daquela de ler ou ouvir a letra exterior da Lei.

---

[250] Romanos 5: 5.
[251] 1 Timóteo 1: 5.
[252] Cf. 1 Coríntios 13: 12. *Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*.
[253] Cf. Salmo 26: 4. *Uma só coisa peço ao Senhor e a peço incessantemente: é habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida, para admirar aí a beleza do Senhor e contemplar o seu santuário.*
[254] Cf. 1 Coríntios 4: 7. *Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?*

De fato, *se a justiça se obtém pela Lei, Cristo morreu em vão*[255]. Ora, não foi em vão que Jesus Cristo morreu, que ele subiu ao céu, que ele conduziu cativo nosso cativeiro e que ele distribuiu seus dons com os humanos[256]; só a ele devemos o que possuímos.

Quem rejeita esta conclusão prova, ou que não tem nada ou que tem o que lhe será tirado[257]. *Porque não há mais que um só Deus, o qual justificará pela fé os circuncisos e, também pela fé, os incircuncisos*[258]. Nestes dois casos, a justificação acontece absolutamente pelo mesmo meio.

Em outra passagem, falando aos gentios, ou seja, aos incircuncisos, o Apóstolo disse: *Prevendo a Escritura que Deus justificaria os povos pagãos pela fé*[259]. Falando da circuncisão, à qual ele pertencia, o mesmo Apóstolo se expressou nestes termos: *Nós, judeus de nascença e não pecadores dentre os pagãos, sabemos, contudo, que ninguém se justifica pela prática da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Também nós cremos em Jesus Cristo e tiramos assim a*

---

[255] Gálatas 2: 21.
[256] Efésios 4: 8. *Quando subiu ao alto, levou muitos cativos e cumulou de dons os homens* e Salmo 67: 19. *Subindo nas alturas levastes os cativos*.
[257] Cf. Lucas 8: 18. *Ao que tiver, lhe será dado; e ao que não tiver, até aquilo que julga ter lhe será tirado* e 19: 26. *A todo aquele que tiver, dar-se-lhe-á; mas, ao que não tiver, ser-lhe-á tirado até o que tem*.
[258] Cf. Romanos 3: 30.
[259] Gálatas 3: 8.

nossa justificação da fé em Cristo e não pela prática da Lei. Pois, pela prática da Lei, nenhum homem será justificado[260].

Assim então, o incircunciso é justificado pela fé, como o circunciso, contanto que o circunciso conserve a justiça da fé. Desta forma, *os gentios, que não buscavam a justiça, alcançaram a justificação, a que vem da fé*[261], pedindo-a a Deus e evitando atribuí-la a eles mesmos. *Ao passo que Israel, que procurava uma lei que desse a justificação, não a encontrou. Por quê? Por que Israel a buscava como fruto não da fé e sim das obras*[262]. Isto é o mesmo que dizer que os judeus pensavam propiciar a eles mesmos essa justiça e se recusavam a acreditar que é Deus quem a opera em nós. *Por que é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em nós o querer e o executar*[263]. Foi assim que eles tropeçaram *na pedra do escândalo, como está escrito: "Eis que ponho em Sião uma pedra de escândalo, um rochedo que faz cair"*[264].

Se queremos compreender o pensamento do Apóstolo nestas palavras: *Israel a buscava como fruto não da fé e sim das obras*, escutemos estas outras palavras, cuja evidência não deixa de impressionar: *Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a*

---

[260] Gálatas 2: 15 e 16.
[261] Romanos 9: 30
[262] Romanos 9: 31.
[263] Filipenses 2: 13.
[264] Romanos 9: 32 e 33.

sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus. Por que Cristo é o fim da Lei, para justificar todo aquele que crê[265].

E fingimos ainda não conhecer as obras da Lei, pelas quais o ser humano não pode ser justificado, se ele as vê como suas, excluindo toda ajuda e toda graça de Deus, que nos vem pela fé em Jesus Cristo?

E essas obras da Lei, imaginaríamos que elas designam unicamente a circuncisão e outras cerimônias do mesmo gênero, por que encontramos esses ritos sacramentais designados por esta expressão? No entanto, é claro que não era sobre a circuncisão que os judeus queriam fundamentar sua própria justiça, já que ela só foi estabelecida sob uma ordem formal do Senhor. Não se trata também aqui das ações mencionadas pelo Senhor, quando lhes dirigiu esta censura: *E vós, por que violais os preceitos de Deus, por causa de vossa tradição?*[266] *Na realidade, invalidais o mandamento de Deus para estabelecer a vossa tradição*[267].

O Apóstolo disse igualmente: *Israel, que procurava uma lei que desse a justificação, não a encontrou. Por quê? Porque Israel a*

[265] Romanos 10: 3 e 4.
[266] Mateus 15: 3.
[267] Marcos 7: 9.

buscava como fruto não da fé e sim das obras[268]. Ele não disse que Israel buscava suas tradições.

A única conclusão que se pode tirar é que os judeus atribuíam exclusivamente a eles mesmos o cumprimento deste preceito: *Não cobiçarás*[269], bem como todos os outros preceitos igualmente santos e salutares.

Eles não queriam reconhecer que o ser humano só pode cumprir esses preceitos na medida em que Deus opera nele pela fé de Jesus Cristo, que é o fim da Lei, para justificar todos aqueles que acreditarem nele. Ou seja, que é pela ação do Espírito Santo que somos incorporados a Jesus Cristo, nos tornamos seus membros e, com a ajuda de seu socorro interior, podemos operar a justiça.

Foi falando dessas obras que o próprio Salvador disse: *Sem mim nada podeis fazer*[270].

Capítulo LI

A grandiosidade da bondade de Deus.

A Escritura nos propõe uma justiça da Lei, ao nos prometer que aquele que a cumprir viverá nela[271].

---

[268] Romanos 9: 31 e 32.
[269] Êxodo 20: 17.
[270] João 15: 5.
[271] Cf. Levítico 18: 5. *Observareis meus preceitos e minhas leis. Quem os observar viverá por eles. Eu sou o Senhor*.

Se então, o ser humano __ intimamente convencido de sua própria fraqueza e impotência para realizar a justiça com suas próprias forças ou pela letra da Lei __ procura na Lei o meio de se conciliar com o soberano Justificador, então ele chegará à justiça, fará nela as obras e nela viverá. De fato, somente aquele que é justificado pode realizar as obras nas quais se encontra a vida.

Ora, a justificação se obtém pela fé, de acordo com estas palavras: *Mas a justiça que vem da fé diz assim: "Não digas em teu coração: 'Quem subirá ao céu?'" Isto é, para trazer do alto o Cristo; ou: "Quem descerá ao abismo?" Isto é, para fazer voltar Cristo dentre os mortos. Que diz ela, afinal? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração. Essa é a palavra da fé, que pregamos. Portanto, se com tua boca confessares que Jesus é o Senhor e se em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo*[272].

Na proporção em que você for justo, na mesma proporção você será salvo. Por essa fé nós acreditamos que também Deus nos ressuscitará dentre os mortos. Esperando por isso, nos renovamos pelo espírito na novidade da graça e vivemos na temperança, na justiça e na

[272] Romanos 10: 6-9.

piedade[273]. Mais tarde, nossa carne também ressuscitará para a imortalidade, mas este favor ela deverá ao espírito que, ao participar da justificação, a precedeu, à sua maneira, na via da ressurreição. *Pois, fomos sepultados com Cristo na sua morte, pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova*[274].

Assim então, é pela fé em Jesus Cristo que obtemos a salvação, seja por que a visamos tal como ele a começou em nós pela justificação, seja por que a consideramos em sua perfeição, para a qual nós nos voltamos pela esperança, *por que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo*[275].

E o Salmista clama: *Quão grande é, Senhor, vossa bondade, que reservastes para os que vos temem e com que tratais aos que se refugiam em vós, aos olhos de todos*[276].

Pela fé tememos o Senhor e pela fé nós colocamos nele nossa esperança. Quanto àqueles que só temem o castigo, a graça está para eles inteiramente escondida. A alma, presa desse medo e sentindo sua impotência em vencer a concupiscência má, sem poder se livrar desse medo que ela sente pela dura vigilância em toda parte, deve se

---

[273] Cf. Tito 2: 11 e 12. *Manifestou-se, com efeito, a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens. Veio para nos ensinar a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver neste mundo com toda sobriedade, justiça e piedade*.
[274] Romanos 6: 4.
[275] Romanos 10: 13.
[276] Salmo 30: 20.

jogar pela fé nos braços da divina misericórdia, suplicando o Senhor para dar-lhe o que Ele ordena, para fazê-la desfrutar da suavidade da graça pelo Espírito Santo e para encontrar mais prazer no que ele ordenou do que o que ela encontra no que a impede de obedecer.

Desta forma, a grandeza de sua bondade, ou seja, a lei da fé, ou ainda o amor derramado e gravado em nossos corações, vai se aperfeiçoando naqueles que esperam no Senhor e a alma, inteiramente curada, se dedica à realização do bem, não mais por medo do castigo, mas por amor à justiça.

Capítulo LII

A graça não destrói o livre arbítrio.

O livre arbítrio é então aniquilado pela graça? Deus nos livre! O que nós fazemos é, pelo contrário, afirmá-lo de uma maneira mais explícita.

De fato, assim como a fé não elimina a Lei[277], assim também, o livre arbítrio, longe de ser destruído, é estabelecido pela graça.

A Lei, para seu cumprimento, pressupõe, necessariamente o livre arbítrio, mas, enquanto que a Lei só nos dá o conhecimento do pecado, pela fé nós obtemos a graça contra o pecado.

[277] Cf. Romanos 3: 31. *Destruímos então a Lei pela fé? De modo algum. Pelo contrário, damos-lhe toda a sua força.*

Pela graça nossa alma é curada do vício do pecado e, pela cura da alma, o livre arbítrio chega a uma liberdade perfeita.

Pelo livre arbítrio nós chegamos ao amor pela justiça e, por fim, pelo amor à justiça nós nos dedicamos ao cumprimento da Lei.

Compreende-se então que a Lei não é destruída, mas estabelecida pela fé, por que a fé nos obtém a graça, com a qual nós cumprimos a Lei. Da mesma forma, o livre arbítrio não é destruído, mas estabelecido pela graça, por que a graça cura a vontade e a vontade curada se dedica livremente ao amor pela justiça.

Todas estas conclusões que encadeio umas às outras estão formuladas claramente nas santas Escrituras.

A Lei diz: "*Não cobiçarás*"[278]. A fé diz: *"Curai-me, por que pequei contra vós"*[279]. A graça diz: *"Eis que ficaste curado. Não peques mais, para não te acontecer coisa pior"*[280]. A cura diz: *Senhor, meu Deus, clamei a vós e fui curado*[281]. O livre arbítrio diz: *De bom grado oferecer-vos-ei um sacrifício*[282]. O amor à justiça diz: "Pecadores me contaram seus prazeres. Mas Senhor, o que são esses prazeres, em comparação com aqueles que propicia vossa Lei?"[283]

---

[278] Êxodo 20: 17.
[279] Salmo 40: 5.
[280] João 5: 14.
[281] Salmo 29: 3.
[282] Salmo 53: 8.
[283] Salmo 118: 85 (Septuaginta).

Por que então infelizes mortais ousam se glorificar por seu livre arbítrio antes de se verem em plena liberdade? Por que se glorificam de suas próprias forças, se não se sentem em liberdade? Não compreendem que o livre arbítrio implica, necessariamente, na ideia de liberdade? *Ora, o Senhor é Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade*[284].

Se então, eles são escravos do pecado, como ousam se glorificar de seu livre arbítrio? *O homem é feito escravo daquele que o venceu*[285].

Se eles são postos em liberdade, por que se glorificam como sendo isso sua própria obra, como se eles não a tivessem recebido? Eles são livres até o ponto de acreditar que podem rejeitar a autoridade do Senhor, que lhes diz: *Sem mim nada podeis fazer*[286] e *Se, portanto, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres*[287]?

Capítulo LIII

O que é o poder humano.

Falando dessa fé, que parece ser o princípio de onde decorrem todas essas conclusões que acabo de enumerar, talvez se possa ques-

[284] 2 Coríntios 3: 17.
[285] 2 Pedro 2: 19.
[286] João 15: 5.
[287] João 8: 36.

tionar se ela está em nosso poder. A resposta a esta questão não será das mais fáceis, se quisermos dar conta do que constitui o poder.

Querer e poder são duas coisas distintas, pois se pode querer sem poder, da mesma forma como se pode sem querer. Queremos algumas vezes o que não podemos e podemos também algumas vezes o que não queremos.

A própria etimologia das palavras nos indica bem claramente que vontade vem de querer e que potência ou poder vem do que se pode. Da mesma forma como aquele que quer tem a vontade, assim também aquele que pode tem o poder.

Mas, para que o poder se transforme em ato, é preciso a ajuda da vontade. Pois, não se diz que alguém agiu em virtude de seu poder, se ele agiu apesar dele.

Sem dúvida que, se quiséssemos nos dedicar a sutilezas, diríamos que agir apesar de si mesmo é sempre agir por sua vontade e que se age apesar de si mesmo por que se preferiria outra coisa. É por isso que se diz que se age sem querer. Se eu faço o que gostaria de evitar ou rejeitar, é por que sou forçado por alguma coisa que, neste sentido, é um mal. Pois, se minha vontade é suficientemente forte para preferir não fazer tal ação a sofrer tal inconveniente, eu resisto à coação que me pressiona e eu não ajo. Consequentemente, se eu ajo neste caso, não foi, sem dúvida, com uma plena e livre vontade, mas,

no entanto, não foi sem vontade que eu agi. E, como a vontade é seguida de seu efeito, não se poderia dizer que o poder me faltou.

De fato, se, cedendo à coação, eu quis agir sem o poder, deveríamos dizer que não foi propriamente a vontade, mas o poder que me faltou. Mas, se eu não ajo, por que eu não quero, o que me falta todo o tempo que eu resisto à coação e que eu não ajo, não é o poder, mas a vontade.

Daí vem a linguagem utilizada por aqueles que usam da coação ou da persuasão: "O que você tem o poder de fazer, por que não faz, para evitar o mal?"

E aqueles que não têm o poder de agir, se você os pressiona, por que acredita que eles têm esse poder, não deixarão de lhe responder: "Eu faria tal coisa, se isso estivesse em meu poder".

Por que questionar mais? Não afirmamos que o poder só existe em toda sua perfeição quando a vontade vem se juntar à faculdade de agir? Ter alguma coisa em seu poder é ser capaz de fazer, se se quiser e não fazer se não se quiser.

Capítulo LIV

A fé, propriamente, está em nosso poder.

Isto posto, qual é a resposta a esta questão: "A fé está em nosso poder?"

Falamos da fé pela qual acreditamos nesta ou naquela verdade e não da fidelidade em cumprir os compromissos que assumimos livremente.

Uma coisa é dizer: “Ele não teve fé em mim”. Outra coisa é dizer: “Ele não teve boa fé com relação a mim”. No primeiro caso eu constato que ele não acreditou em minha palavra e, no segundo, que ele não cumpriu seus compromissos.

A fé pela qual acreditamos na revelação divina nos coloca entre os fiéis. Mas, quanto à boa fé na execução das promessas, podemos dizer que Deus é fiel com relação a nós. O Apóstolo nos diz: *Deus é fiel; não permitirá que sejais tentados além das vossas forças*[288].

Quando então nos perguntamos se a fé está em nosso poder, queremos falar da fé pela qual acreditamos na palavra de Deus. Não lemos: *Abraão acreditou em Deus e isso lhe foi imputado em conta de justiça* [289] e *Aquele que, sem obra alguma, crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada em conta de justiça*[290]?

Vejamos agora se é possível fazer uma pessoa acreditar, mesmo ela se recusando a acreditar. Ou que ela não acredite, mesmo tendo a vontade de acreditar.

---

[288] 1 Coríntios 10: 13.
[289] Romanos 4: 3.
[290] Romanos 4: 5.

Isto seria um absurdo, você diria. De fato, acreditar é admitir como verdadeiro o que nos é proposto e esse consentimento é essencialmente um ato de vontade. Portanto, a fé, sob este ponto de vista, está em poder do ser humano.

Mas, diz o Apóstolo: *Não há nenhum poder que não venha de Deus*[291] e, então, o que poderia nos impedir de aplicar a este poder estas outras palavras do Apóstolo: *Que é que possuis que não tenhas recebido?*[292] Então, se acreditamos, é somente a Deus que devemos este poder.

Mas, não lemos em parte alguma das santas Escrituras esta proposição: "Toda vontade vem de Deus". E como a encontraríamos nelas, se ela é falsa? Além disso, seria um crime pensar assim, pois o próprio Deus seria o autor dos pecados, pois a má vontade já é, propriamente, um pecado, mesmo que ela não se transforme em ato.

Por outro lado, se a má vontade tem o poder de realizar o que se propõe, esse poder lhe vem de Deus, em quem não se poderia supor a iniquidade[293]. Geralmente é assim que ele pune e, se esse modo de punição é secreto, nem por isso ele deixa de ser justo.

Por fim, o próprio pecador ignora que é punido, a menos que ele seja atingido por um castigo exterior, que ele sofre em detrimento

---

[291] Romanos 13: 1. *Non est enim potestas nisi a Deo.*
[292] 1 Coríntios 4: 7.
[293] Cf. Romanos 9: 14. *Que diremos, pois? Haverá injustiça em Deus? De modo algum!*

de sua vontade e que é mais ou menos proporcional ao mal que ele voluntariamente cometeu. Este é o sentido destas palavras formuladas pelo Apóstolo e que ele dirige a certas pessoas: *Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à imundície, de modo que desonraram entre eles os próprios corpos*[294].

Concluímos então que os maus recebem o poder para a condenação de sua má vontade, enquanto que os bons a recebem para testar sua boa vontade.

Capítulo LV

Qual fé merece elogios.

A fé está, portanto, em nosso poder, já que todos acreditam quando querem e, quando se acredita, é voluntariamente que se acredita.

Resta a saber, ou melhor, lembrar, qual é a fé que recebe do Apóstolo tão grandes elogios.

Não é bom, seguramente, acreditar em qualquer coisa, indistintamente, senão, por que o Apóstolo diria: *Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai se os espíritos são de Deus, por que muitos falsos profetas se levantaram no mundo*[295].

---

[294] Romanos 1: 24.
[295] 1 João 4: 1.

Ao louvar o amor, São Paulo diz que esta virtude em *tudo crê*[296]. Mas estas palavras não significam, de forma alguma, que o ser humano não possa, sem ferir o amor, se recusar a acreditar imediatamente no que ouve ser dito. Não é este mesmo amor que nos faz deixar de acreditar facilmente no mal que nos contam de nossos irmãos e não nos faz rejeitar, em princípio, o que pode ferir a reputação de um irmão?

Por fim, esse mesmo amor, com o qual acreditamos em tudo, ele mesmo não acredita em qualquer espírito. Se ele acredita em tudo, é tudo o que vem de Deus, pois não é dito que ele acredita em todas as pessoas ou em todos aqueles que lhe falam. É, portanto, evidente, que o Apóstolo só louva a fé na palavra divina.

Capítulo LVI

As qualidades da fé salvífica.

Devemos fazer ainda outra distinção.

Aqueles que estão sob a Lei e que se esforçam para praticar a justiça por medo do castigo, se só agem sob a pressão desse medo, eles não praticam a justiça de Deus, pois essa justiça só é produzida pelo amor ao qual só agrada o que é permitido.

[296] 1 Coríntios 13: 7.

Agir por medo é ser forçado a adequar suas ações à Lei, embora a vontade deseje realmente, se isso fosse possível, fazer com que o que é proibido se torne permitido.

Seja como for, eu digo que também esses acreditam em Deus, pois, se eles não tivessem nenhuma fé, eles não temeriam o castigo da Lei.

No entanto, não é essa fé que o Apóstolo nos recomenda, quando nos diz: *Porquanto, não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção. pelo qual clamamos: "Aba! Pai!"*[297]. O medo que falamos é o medo servil. Ele acredita no Senhor, mas não ama a justiça e teme a condenação.

Quanto aos filhos, eles clamam: *"Abba! Pai!" Abba* é uma palavra hebraica relativa à circuncisão, ou seja, aos judeus. Pai é uma palavra que remete ao prepúcio, ou seja, aos gregos, *Porque não há mais que um só Deus, o qual justificará pela fé os circuncisos e, também pela fé, os incircuncisos*[298].

Tanto nos lábios de uns quanto dos outros, este grito é uma prece e o que eles pedem, se não é aquilo do qual eles têm fome e sede? E do que, enfim, eles têm fome e sede, se não é do que o Sal-

[297] Romanos 8: 15.
[298] Romanos 3: 30.

vador designou com estas palavras: *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, por que serão saciados!*[299]?

Então, que aqueles que estão sob a Lei se submetam a essa transformação, para que, de escravos, eles se tornem filhos. Não no sentido de que eles deixem de ser servidores, pois o que lhes é pedido é que sirvam livremente o Senhor, como os filhos servem seus pais. Eles podem fazer isso, pois o Filho único *a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*[300]. E ele lhes diz que peçam, que procurem, que batam, para que recebam, para que encontrem e que lhes seja aberto[301]. Mas, vem em seguida a censura: *Se vós, pois, que sois maus, sabeis dar boas coisas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai celeste dará boas coisas aos que lhe pedirem*[302].

Por outro lado, se *o aguilhão da morte é o pecado e a força do pecado é a Lei*[303] __ no sentido de que, tendo oportunidade, o pecado se serve do preceito para inflamar a concupiscência[304] __ a quem então devemos pedir a continência, se não é Àquele que sabe dar seus bens aos seus filhos? Há alguém tão insensato a ponto de não saber que ninguém pode ser continente se Deus não lhe conceder esta

[299] Mateus 5: 6.
[300] João 1: 12.
[301] Cf. Mateus 7: 7-10.
[302] Mateus 7: 11.
[303] 1 Coríntios 15: 56.
[304] Cf. Romanos 8: 8. *Os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus*.

graça?[305] E, para sabê-lo, já é preciso sabedoria. Por que então não ouvir o Espírito de seu Pai nos dizendo, seja através do próprio Jesus Cristo: *Pedi e se vos dará*[306], seja através de seu Apóstolo: *Se alguém de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus - que a todos dá liberalmente, com simplicidade e sem recriminação - e ser-lhe-á dada. Mas peça-a com fé, sem nenhuma vacilação, por que a pessoa que vacila assemelha-se à onda do mar, levantada pelo vento e agitada de um lado para o outro*[307]?

Esta é a fé da qual vive o justo[308]. Esta é a fé pela qual acreditamos *Naquele que justifica o ímpio*[309]. Esta é a fé pela qual todo motivo de orgulho desaparece[310], seja por que deixamos de nos glorificar, seja por que sentimos brilhar com mais intensidade a glória que remete ao Senhor todas as benesses com as quais ele nos cobre. Enfim, esta é a fé pela qual obtemos a difusão do espírito, do qual é dito: *É espiritualmente, da fé, que aguardamos a justiça esperada*[311].

---

[305] Cf. Sabedoria 8: 21. *Consciente de não poder possuir a sabedoria, a não ser por dom de Deus e já era inteligência o saber de onde vem o dom, eu me voltei para o Senhor*.
[306] Mateus 7: 7.
[307] Tiago 1: 5 e 6.
[308] Cf. Romanos 1: 17.
[309] Romanos 4:5.
[310] Cf. Romanos 3: 27. *Onde está, portanto, o motivo de se gloriar? Foi eliminado. Por qual Lei? Pela das obras? Não, mas pela Lei da fé*.
[311] Gálatas 5: 5.

Poder-se-ia perguntar aqui qual é essa esperança de justiça. É aquela com a qual a justiça espera ou é aquela com qual a própria justiça é esperada? Pois o justo, vivendo da fé, espera a vida eterna.

Por seu lado, a fé, sempre pressionada pela fome e pela sede de justiça e se apoiando no progresso cotidiano da renovação do ser interior, avança cada vez mais na justiça e espera ser nela plenamente saciado na vida eterna, onde se cumprirão estas palavras do Salmista: *É ele que cumula de benefícios a tua vida*[312].

Esta é a fé pela qual são salvos aqueles aos quais é dito: *É gratuitamente que fostes salvos mediante a fé. Isto não provém de vossos méritos, mas é puro dom de Deus. Não provém das obras, para que ninguém se glorie. Somos obra sua, criados em Jesus Cristo para as boas ações, que Deus de antemão preparou para que nós as praticássemos*[313].

Enfim, esta é a fé que opera pelo amor[314] e não pelo medo, não por que teme o castigo, mas por que ama a justiça. E de onde nos vem esse amor pelo qual opera a fé? Ele nos vem Daquele a quem a própria fé pediu.

De fato, por maior que ele seja em nós, ele não estaria aí se não tivesse sido derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que

[312] Salmo 102: 5.
[313] Efésios 2: 8-10.
[314] Cf. Gálatas 5: 6.

nos foi dado[315]. Esse amor derramado em nossos corações não é o amor pelo qual Deus nos ama, mas aquele que ele nos inspira por sua infinita grandeza.

Do mesmo modo é a justiça de Deus, que é aquela pela qual ele nos torna justos[316]; é a salvação, pela qual ele próprio nos salva[317]; a fé em Jesus Cristo, pela qual ele faz de nós fiéis[318].

Assim é a justiça de Deus. Não contente em nos ensinar essa justiça através do preceito da Lei, ele no-la conferiu pelo dom de seu Espírito.

Capítulo LVII

Donde vem a vontade que se expressa na fé?

Resta-nos perguntar se a vontade pela qual acreditamos é um dom de Deus ou se ela nos vem da faculdade natural que chamamos de livre arbítrio.

Se dissermos que ela não é um dom de Deus, é de se temer que sejamos tentados a nos atribuir alguma coisa, como algo vindo de nós mesmos, apesar da censura que nos faz o Apóstolo: *Que é que*

---

[315] Cf. Romanos 5:5. *O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado*.
[316] Cf. Romanos 3: 24. *Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente por sua graça*.
[317] Cf. Salmo 3: 9. *Sim, Senhor, a salvação vem de vós*.
[318] Cf. Gálatas 2: 16. *Ninguém se justifica pela prática da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo*.

possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se o não tivesses recebido?[319]

A isto poderíamos responder: "Está em nós algo que não recebemos: é a vontade de acreditar. É-nos permitido então nos glorificarmos por algo que não recebemos".

Por outro lado, se dissermos que essa vontade não passa de um dom de Deus, é de se temer que os infiéis e os ímpios pretendam tirar de nossas palavras o direito de se desculpar e dizer que, se eles não acreditam é por que Deus lhes recusou a vontade de acreditar, pois *é Deus quem, segundo o seu beneplácito, realiza em nós o querer e o executar*[320]. Este é o resultado da graça obtida pela fé. É isso que tornam possíveis as boas obras que a fé executa em nós, através do amor que é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.

Se acreditamos para obter essa graça, é certo que acreditamos através da vontade cujo princípio buscamos em nós.

Se essa vontade vem da natureza, por que nem todos a possuem, já que todos temos um único e mesmo Criador que é Deus?

[319] 1 Coríntios 4: 7.
[320] Filipenses 2: 13.

Se ela é um dom especial de Deus, por que esse dom não é concedido a todos, já que Deus *deseja que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*?[321]

Capítulo LVIII

Do bom uso que faço da minha vontade, acreditando, vem a misericórdia de Deus.

Vejamos primeiro se encontramos a solução da questão proposta na própria natureza do livre arbítrio, conferido pelo Criador a toda alma racional.

Podemos dizer que o livre arbítrio é uma força neutra, que pode tender para a fé ou se inclinar para a infidelidade.

Para ajudar na distinção entre o livre arbítrio e a vontade propriamente dita, podemos dizer que toda pessoa __ falando da vontade pela qual ela abraça a fé __ só tem o que recebeu. Se ela pode se erguer acima das aspirações do livre arbítrio que recebeu de seu Criador, isto é unicamente em virtude do chamado que o Senhor condescendeu lhe dirigir.

Deus *deseja que todos se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*. No entanto, essa vontade de Deus não priva ninguém de

[321] Cf. Timóteo 2: 4.

seu livre arbítrio e todos podem sempre fazer um bom ou um mau uso dele.

Todos são livres para recusar acreditar nos Evangelhos, mas assim eles resistem formalmente à vontade de Deus. No entanto, não é uma vitória que eles conseguem sobre essa vontade, mas, em consequência de sua falta, eles se privam do grande e soberano bem, se condenam a terríveis castigos e se preparam para sofrer a rigorosa justiça Daquele cujos dons e misericórdia eles desprezaram.

Desta maneira, a vontade de Deus jamais é vencida. Ela o seria, no entanto, se ela permanecesse impotente e desarmada diante dos contestadores de suas leis e se ela fosse condenada a ver todos se livrarem dos golpes de sua vingança.

Imaginemos uma parábola: "Quero que todos os meus servidores trabalhem em minha vinha. Após o trabalho, eles se alimentarão e repousarão. Quem se recusar a trabalhar será condenado a girar para sempre a mó do moinho".

Vemos que quem não obedece age realmente contra a vontade de seu patrão. Mas isso não quer dizer que a vontade dele seja derrotada. Ela só o seria na medida em que o culpado escapasse do castigo, que é girar a mó do moinho. Isto não pode acontecer de forma alguma sob um Deus onipotente.

Daí vem estas palavras: *Deus falou uma vez*[322], ou seja, de uma maneira irrevogável. Eu sei, aliás, que estas palavras podem ser aplicadas igualmente ao próprio Verbo. Qual é então essa palavra imutável? Vejamos a sequência: *Compreendi duas coisas: a Deus pertence o poder, ao Senhor pertence a bondade. Pois vós dais a cada um segundo suas obras*[323].

Deve então esperar sofrer os golpes do poder divino, aquele que desprezar a misericórdia de Deus, que o chamou para a fé.

Pelo contrário, todo aquele que acreditar e vier a pedir a Deus a absolvição de todos os seus pecados, a cura de todos os seus vícios, o calor e a luz para abrasar seu coração e iluminar seus olhos, esse, prevenido e ajudado pela graça, multiplicará suas boas ações e essas boas ações lhe darão o merecimento para retirar seu corpo da corrupção da morte, para ser coroado e saciado, não com bens temporais, mas com bens eternos, muito além de tudo o que podemos desejar e compreender[324].

---

[322] Salmo 61: 12. *Semel locutus est Deus*.
[323] Salmo 61: 12 e 13.
[324] Cf. Efésios 3: 20 e 21. *Àquele que, pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos, a ele seja dada glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações de eternidade*.

Capítulo LIX

O elogio da misericórdia ou graça de Deus em nossa fé.

Este é o pensamento formulado nestes termos pelo Salmista: *Bendiga, ó minha alma, ao Senhor e jamais te esqueças de todas as suas retribuições. É ele que perdoa as tuas faltas e cura as tuas enfermidades. É ele que salva tua vida da morte e te coroa de bondade e de misericórdia*[325].

E, para que a deformidade de nossa decrepitude, ou seja, de nossa mortalidade, não ousasse esperar grandes bens, o Salmista acrescentou: *É ele que cumula de benefícios a tua vida e renova a tua juventude como a da águia*[326]. Como se dissesse: "Todas as promessas que você ouviu relacionadas ao ser humano novo e ao Novo Testamento".

Retome comigo, eu lhe peço, cada um desses bens e desfrute comigo desses louvores dirigidos à misericórdia, ou seja, à graça de Deus.

Bendiga, ó minha alma, ao Senhor e jamais te esqueças de todas as suas retribuições. O texto fala em *retribuições* e não em concessões (*adtributiones*), por que Deus nos retribui o mal com o bem.

---

[325] Salmo 102: 2-4. *Benedic, anima mea, Dominum et noli oblivisci omnes retributiones eius, qui propitius fit omnibus iniquitatibus tuis, qui sanat omnes languores tuos, qui redimit de corruptione vitam tuam, qui coronat te in miseratione et misericordia, qui satiat in bonis desiderium tuum.*
[326] Salmo 102: 5.

É ele que perdoa as tuas faltas. É o que acontece no sacramento do batismo.

E cura as tuas enfermidades. Observemos o que acontece na vida da pessoa fiel, quando a carne conspira contra o espírito e o espírito contra a carne, de uma maneira tal que não fazemos o que queremos[327], pois sentimos em nossos membros uma lei que repugna a lei de nosso espírito. Nós podemos querer, mas não podemos fazer o bem[328]. Ora, essas doenças da decrepitude, se perseveramos na intenção, vão se curando dia a dia, sob a influência de um rejuvenescimento crescente e da fé que age através do amor.

É ele que salva tua vida da morte. Isto é o que acontecerá na ressurreição suprema de todos os mortos.

Ele te coroa de bondade e de misericórdia. Isto será a obra do julgamento, quando o rei se sentará no trono da justiça[329], para retribuir a cada um segundo suas obras[330]. Então, quem se glorificará por ter o coração casto ou ser isento de todo pecado[331]?

Era então necessário recordar a misericórdia de Deus em uma circunstância como a do julgamento, quando tudo se passará com

---

[327] Cf. Gálatas 5: 17. *Os desejos da carne se opõem aos do Espírito e estes aos da carne, pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis*.
[328] Cf. Romanos 7: 23 (*Sinto, porém, nos meus membros outra lei, que luta contra a Lei do meu espírito e me prende à lei do pecado, que está nos meus membros*) e 18 (*Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, por que o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo*).
[329] Cf. Provérbios 20: 8
[330] Cf. Mateus 16: 27.
[331] Cf. Provérbios 20: 9.

uma justiça tão rigorosa que parece impossível achar então lugar para a misericórdia. O Senhor nos coroará em sua misericórdia e seu amor, mas sempre segundo nossas obras.

De fato, ele colocará à sua direita aquele de quem ele poderá dizer: *Tive fome e me destes de comer*[332], pois, *Haverá juízo sem misericórdia para aquele que não usou de misericórdia*[333]. Mas, *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!*[334]

Os que forem colocados à esquerda irão para as chamas eternas, enquanto que os justos entrarão para o reino dos céus[335], pois, diz o Senhor: *A vida eterna consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, que enviaste*[336]. E esse conhecimento, essa visão, essa contemplação produzirá em nossa alma a inteira satisfação de seus desejos[337]. Nada mais haverá a desejar, nada mais a cobiçar, nada mais a buscar.

Era devorado por essa sede, aquele que disse ao Salvador: *Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta*[338]. E Jesus Cristo lhe respondeu: *Aquele que me viu, viu também o Pai*[339]. Pois, *A vida eterna*

[332] Mateus 25: 35.
[333] Tiago 2: 13.
[334] Mateus 5: 7.
[335] Cf. Mateus 25: 46.
[336] João 17: 3.
[337] Cf. Salmo 102: 5.
[338] João 14: 8.
[339] João 14: 9.

consiste em que conheçam a ti, um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, que enviaste.

Mas, se ver o Pai é ver o Filho, aquele que vê o Pai e o Filho vê também o Espírito do Pai e do Filho.

Por consequência, afirmando a ação da graça sobre a vontade, não destruímos o livre arbítrio. Nossa alma abençoa o Senhor e não esquece jamais suas retribuições ou suas benesses. Ela não ignora a justiça e se abstém então de estabelecer a sua própria[340]. Ela acredita Naquele que justifica o pecador e vive da fé, até que lhe seja dado contemplar Deus face a face. Isto quer dizer que ela vive da fé que opera pelo amor e esta é derramada em nossos corações, não pelo poder de nossa vontade, não pela letra da Lei, mas pelo Espírito Santo que nos foi dado.

Capítulo LX

Deus opera misteriosamente em nós até na vontade de acreditar.

Que esta discussão nos baste, se ela basta para a solução da questão proposta.

Talvez se diga que é preciso antes de tudo evitar dar motivos para se atribuir a Deus o pecado, que é cometido através do livre arbítrio. Experimentamos esta tentação quando ouvimos estas palavras:

[340] Cf. Romanos 10: 3.

Que é que possuis que não tenhas recebido?[341] Pois vemos como um dom de Deus a vontade pela qual acreditamos, já que ela é formada, acima de tudo, pelo livre arbítrio depositado em nós pelo próprio ato de nossa criação.

Aquele que for tentado a nos colocar esta dificuldade deve refletir bem e compreender que, se vemos como um dom de Deus a vontade de acreditar, isto acontece não apenas por que ela repousa sobre o livre arbítrio que é criado naturalmente conosco; é também e sobretudo por que o próprio Deus produz em nós essa vontade de acreditar, com a ajuda de persuasões de todos os tipos.

Persuasões exteriores, através das exortações evangélicas e até mesmo pelos preceitos da lei, se esses preceitos chegam a convencer a pessoa de sua fraqueza e a fazê-lo procurar um refúgio, através da fé, na graça santificante. Persuasões interiores, através de pensamentos sobrenaturais que não é dado a ninguém produzir por vontade própria em sua mente e sobre os quais sua vontade não tem nenhum controle e só pode aceitá-los ou rejeitá-los.

Quando então, para levar à fé, Deus age sobre a alma racional, de uma ou de outras destas maneiras, ou seja, quando Deus condescende em usar, segundo seu beneplácito, dessas persuasões ou desses chamados, sem os quais é impossível a qualquer um acreditar, apesar

[341] 1 Coríntios 4: 7.

de seu livre arbítrio, é certo que então Deus opera na pessoa a vontade de acreditar e sua misericórdia nos previne em todas as coisas.

Quanto a consentir ou a resistir ao chamado que Deus dirige a nós, isto é, como eu já disse, obra de nossa vontade própria. Esta proposição, aliás, longe de refutar, só faz confirmar estas palavras do Apóstolo: *Que é que possuis que não tenhas recebido?*

De fato, os dons que Deus nos concede, a alma só pode possuí-los com a condição de consenti-los. Consequentemente, tudo o que a alma possui, tudo o que ela recebe, lhe vem de Deus. Mas, quanto à própria ação de recebê-los e possuí-los, isto é obra própria da alma que os recebe e os possui.

Agora, se, querendo aprofundar nesses mistérios, alguém nos perguntar por que um é, de fato, conquistado e convencido, enquanto que outro não o é, eu só tenho estas duas respostas para dar: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*[342] e *Que diremos, pois? Haverá injustiça em Deus? De modo algum!*[343]

Se meu interlocutor não ficar satisfeito com estas respostas, que ele procure alguém que saiba mais. Mas que ele tome cuidado para não tropeçar em alguém que apenas presuma saber mais.

---

[342] Romanos 11: 33.
[343] Romanos 9: 14.

Capítulo LXI

A doutrina que aqui é exposta é a doutrina de São Paulo.

É tempo então de terminar este livro, pois não sei se precisávamos que ele fosse tão extenso. Para você, particularmente, não era preciso, pois conheço sua fé.

Mas você me desculpará, ao pensar naqueles para o bem dos quais você provocou minha resposta. Não é contra mim que eles lutam e não é também diretamente contra aquele que falou através de seus Apóstolos, mas contra o Apóstolo São Paulo.

De fato, para sustentar suas opiniões, eles provocam discussões veementes e numerosas, sem ouvir aquele que, pela misericórdia de Deus, nos exorta, pela graça que lhe foi concedida: *Não façam de si próprios uma opinião maior do que convém, mas um conceito razoavelmente modesto, de acordo com o grau de fé que Deus lhes distribuiu*[344].

Capítulo LXII

Possibilidade e irrealidade de uma vida humana sem nenhum pecado.

Quanto a você, queira se lembrar da proposição que me fez e a tese que defendi ao longo desta obra. Você ficou admirado que se

[344] Romanos 12: 3.

possa dizer que o ser humano pode existir sem pecado, se sua vontade, ajudada pela graça divina, não faltar, embora ninguém nesta vida jamais tenha atingido e jamais atingirá este estado de perfeição.

Nas obras precedentes que enviei a você, eu me expressei nestes termos:

"Perguntam-me se o ser humano pode existir sem pecado nesta vida. Responderei que ele pode com a graça de Deus e com seu livre arbítrio. Quanto a este livre arbítrio, ele próprio é uma graça, ou seja, um dom de Deus, que quis, não apenas que ele existisse, mas que ele fosse bom, ou seja, que ele se prestasse para o cumprimento dos preceitos do Senhor. Quanto à graça, propriamente dita, ela não se limita a mostrar ao livre arbítrio o que ele deve fazer, mas ela ainda o ajuda a fazer o que ela lhe mostrou"[345].

Ora, pareceu a você um absurdo afirmar que uma coisa sem exemplo fosse, no entanto, possível. Daí esta proposição geral defendida por mim neste livro e que prova que uma coisa é possível, embora seja sem exemplo.

Em apoio a esta tese, retirei dos Evangelhos e da Lei algumas declarações relativas, seja à passagem de um camelo pelo buraco de uma agulha[346], seja às doze legiões de anjos que poderiam ter comba-

[345] *De peccatorum meritis et remissione*, Livro II, Cap. 6, N. 7.
[346] Cf. Mateus 19: 24.

tido por Cristo, se ele assim o quisesse[347], seja às nações sobre as quais o Senhor disse que poderia afastá-las para longe de seu povo[348]. Todas estas coisas jamais aconteceram.

Poderíamos acrescentar a isto a passagem do Livro da Sabedoria onde lemos que a criatura dócil ao seu Criador poderia fornecer a Deus numerosos e novos tormentos contra os pecadores[349] e, no entanto, isso não aconteceu.

Acrescentaríamos também a montanha que a fé poderia precipitar no mar[350] e que, até o presente, não soubemos que isso tenha acontecido[351].

Afirmar que essas obras extraordinária são impossíveis a Deus seria tolice e incredulidade.

Enfim, podemos ler ou imaginar muitas outras suposições que continuaram puras suposições, embora podendo se realizar pela onipotência divina.

---

[347] Cf. Mateus 26: 53.
[348] Cf. Deuteronômio 31: 3 e Juízes 1: 2.
[349] Cf. Sabedoria 16: 24. *A criatura que vos é submissa, a vós, seu Criador, aumenta sua força para castigar os maus e os modera para o bem dos que puseram em vós sua fé*.
[350] Cf. Marcos 11: 23.
[351] Santo Agostinho não sabia ainda o que Eusébio __ de acordo com Rufino __ e Beda nos contam de São Gregório de Néocésarée, o Taumaturgo (214-270): um dia ele ordenou a uma montanha que se afastasse, para a construção de uma igreja e isto aconteceu.

Capítulo LXIII

A perfeita justiça permanece sem exemplo na humanidade, embora não seja impossível.

Poderiam me responder que isso tudo são obras divinas, enquanto que viver na justiça é eminentemente uma obra humana.

Diante desta objeção, resolvi provar neste livro __ talvez mais extensamente do que seria preciso __ que toda vida santa e sem pecado é antes de tudo e sobretudo uma obra divina.

Por mais que eu diga, sempre me parece que não disse o suficiente para enfrentar os inimigos da graça. Que alegria é para mim falar muito, quando me sinto apoiado pelos oráculos tão numerosos quanto formais das santas Escrituras!

Nisto, de fato, está minha regra infalível: *Quem se gloria, glorie-se no Senhor*[352]. E em todas as coisas demos graças ao Senhor nosso Deus e elevemos nosso coração rumo ao céu, pois, *Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima; descem do Pai das luzes*[353].

Enfim, se uma vida santa e sem pecado não é obra de Deus e sim nossa, por que, afinal, somos nós que vivemos e agimos, não poderíamos dizer igualmente que jogar uma montanha no mar não é obra de Deus, já que o Senhor declarou que todos podiam fazê-lo

[352] 2 Coríntios 10: 17.
[353]

através da fé e lhe atribui esta façanha, ao dizer: *Em verdade vos declaro: todo o que disser a este monte: "Levanta-te e lança-te ao mar", se não duvidar no seu coração, mas acreditar que sucederá tudo o que disser, obterá esse milagre*[354] e também: *Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: "Arranca-te e transplanta-te no mar" e ela vos obedecerá*[355].

É certo que o Senhor disse *a vós* e não *a mim* ou *ao meu Pai*. No entanto, obras deste gênero não podem ser realizadas pelo ser humano, a não ser através da graça e da ação do próprio Deus.

Da mesma forma, a justiça perfeita jamais se realizou no ser humano, embora, no entanto, ela não seja impossível. Todavia, ela se realizaria, se encontrasse uma vontade proporcional à grandeza desse empreendimento. Essa vontade seria proporcional se tivéssemos, por um lado, o conhecimento perfeito de tudo o que diz respeito à justiça e se, por outro lado, o amor por essa justiça correspondesse ao conhecimento que tivéssemos dela. De uma maneira tal que, todo sentimento de prazer ou de dor que pudesse se opor à justiça desapareceria infalivelmente diante do amor à essa virtude.

Se estas duas condições __ o conhecimento e o amor __ não se realizam em nenhum de nós, a causa está, não em uma impossibilidade real, mas na profundidade dos julgamentos de Deus. Não sabe-

[354] Marcos 11: 23.
[355] Lucas 17: 6.

mos que não está em poder do ser humano todo saber, a posse do que conhece ou mesmo o desejar sempre o que, todavia, pode lhe parecer como digno de compromisso e de afeição? Seria preciso para isso que o bem nos desse tanto prazer quanto amado ele é. Este feliz estado só é próprio a uma alma inteiramente curada.

Capítulo LXIV

A impossibilidade do amor perfeito.

Pode-se pensar que não nos falta nada para possuir o conhecimento da justiça, pois o Senhor, resumindo sua doutrina em algumas palavras, assegura que toda Lei e os Profetas estão reunidos em dois preceitos[356]. Longe de esconder esses preceitos, ele os formula o mais claramente possível. Ele diz: *Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma e de todo teu espírito. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo*[357].

Cumprindo estes dois preceitos não temos certeza de cumprir toda a justiça? Acreditamos nisto sinceramente e, no entanto, acreditamos também que ofendemos Deus de muitas maneiras[358], mesmo quando pensamos que uma de nossas ações agrada ou não desagrada

[356] Mateus 22: 40.
[357] Mateus 22: 37-39.
[358] Cf. Tiago 3: 2. *Todos nós caímos em muitos pontos. Se alguém não cair por palavra, esta é uma pessoa perfeita, capaz de refrear todo o seu corpo.*

ao Deus que amamos. Mais tarde, lendo as Escrituras, refletindo sobre suas verdades ou ouvindo sua exposição aos nossos ouvidos com toda a clareza, ficamos sabendo que essa ação não agrada a Deus. Então fazemos penitência e pedimos a Deus que queira nos perdoar. A vida humana é cheia de tais ensinamentos.

Por que então conhecemos tão pouco do que agrada a Deus? Não é por que Deus mesmo nos é muito pouco conhecido?

De fato, *Hoje vemos como por um espelho, confusamente; mas então veremos face a face. Hoje conheço em parte; mas então conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*[359].

Quando então chegará o feliz momento em que *conhecerei totalmente, como eu sou conhecido*?

Podemos supor que aqueles que contemplarão o Senhor face a face terão por ele o amor que só podem ter os fiéis aqui embaixo? Esse amor será comparável àquele que temos agora pelo próximo? Se então, o amor é tão grande quanto grande é o próprio conhecimento, concluímos que tudo o que falta hoje ao nosso amor falta também à perfeição de nossa justiça.

Podemos conhecer ou acreditar em uma coisa sem amá-la, mas amá-la sem conhecê-la ou acreditar nela, é totalmente impossível.

[359] 1 Coríntios 13: 12.

Se então, os santos puderam chegar, através da fé, a um grau tal de amor que estavam dispostos a dar suas vidas pela fé ou por seus irmãos __ o que é o cúmulo do amor, nas próprias palavras do Salvador[360] __ quando tivermos deixado este lugar de exílio onde só caminhamos pela fé[361] e tivermos chegado a desfrutar da visão de Deus que esperamos agora sem tê-la, mas que esperamos com paciência[362], é certo que nos sentiremos inflamados por um amor que não apenas não sentimos agora, mas que ultrapassará infinitamente tudo o que podemos pedir e compreender[363].

No entanto, não poderemos amar mais do que é capaz todo nosso coração, toda nossa alma e toda nossa mente. Quem diz tudo não deixa nada a acrescentar, pois não há tudo quando resta alguma coisa a acrescentar.

Por consequência, o primeiro preceito da justiça, em virtude do qual devemos amar a Deus com todo nosso coração, com toda nossa alma e com toda nossa mente e, consequentemente, nosso próximo, como a nós mesmos, só será perfeitamente cumprido na outra vida, quando nos será dado contemplar Deus face a face.

---

[360] Cf. João 15: 13. *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos*.
[361] Cf. 2 Coríntios 5: 7. *Andamos na fé e não na visão*.
[362] Cf. Romanos 8: 25. *Nós que esperamos o que não vemos, é com paciência que o aguardamos*.
[363] Cf. Efésios 3: 20 e 21. *Àquele que, pela virtude que opera em nós, pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos, a ele seja dada glória na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações de eternidade*.

No entanto, esse mesmo preceito nos é imposto desde já, para que saibamos o que devemos pedir com fé e buscar com esperança e também para que, esquecendo o que ficou para trás, nos lancemos para o futuro com toda a força de nossos desejos[364].

Esta é, pelo menos, minha convicção: avançar em grandes passos, desde esta vida, nos caminhos da perfeição e conhecer cada vez mais o que nos separa ainda da justiça perfeita.

Capítulo LXV

A justiça menor da atual vida de fé.

A justiça que nos é possível nesta vida e em virtude da qual o justo vive pela fé[365], embora esteja afastado do Senhor e só o veja em enigma, esta justiça, eu digo, é, por assim dizer, somente uma justiça inicial e, no entanto, não é um absurdo afirmar que ela tem por característica a aversão ao pecado[366].

De fato, se desde já não podemos ter todo amor que poderemos no céu, com um conhecimento completo e perfeito, ela deve nos fazer falta? Uma coisa é não possuir o amor em toda sua plenitude, outra coisa é não se dedicar a nenhuma paixão.

---

[364] Cf. Filipenses 3: 13. *Não pretendo dizer que já alcancei esta meta e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo. Consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro isto: prescindindo do passado e atirando-me ao que resta para frente, persigo o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama, em Jesus Cristo*.
[365] Cf. Romanos 1: 17.
[366]

Assim, embora o ser humano ame bem menos Deus do que ele amará quando o ver face a face, ele não deve nunca se deixar levar por nada de ilícito. É como acontece com as coisas corpóreas; nosso olho pode muito bem não gostar de nenhuma treva, embora ele não possa também suportar o brilho intenso da luz.

Esta é a ideia que podemos ter de nossa alma, enquanto ela está ligada a este corpo corruptível. Para sufocar e destruir todos os movimentos da cobiça terrestre, ela não goza ainda da perfeição proeminente do amor divino. No entanto, com o princípio de justiça que ela possui, ela não deve consentir com nada de ilícito e nem ceder a essa cobiça. É assim que ela chegará à vida imortal: *Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças*[367]; *não reine, pois, o pecado em vosso corpo mortal, de modo que obedeçais aos seus apetites*[368]; *não cobiçarás*[369]; *não te deixes levar por tuas más inclinações e refreia os teus apetites*[370].

No céu, não desejar nada além de perseverar nessa perfeição. Na terra, seguir, em suas ações, as regras da justiça e esperar como recompensa a perfeição dos eleitos.

---

[367] Deuteronômio 6: 5.
[368] Romanos 6: 12.
[369] Êxodo 20: 17.
[370] Eclesiástico 18: 30.

No céu, o justo viverá sem a fé, na visão face a face que ele sempre desejou. Na terra, o justo vive da fé na qual ele aspira desfrutar no céu da visão intuitiva.

Segue-se daí que a pessoa que vive da fé está longe ser impecável, já que pode consentir com certos prazeres ilícitos. Não somente quando se trata de faltas graves ou horríveis, mas também de faltas leves.

Pode acontecer, por exemplo, escutar uma palavra que não deviria ser ouvida, pronunciar uma palavra que não deveria ser dita, formar em seu coração um pensamento cujo objetivo encanta mas que se sabe que é proibido pelo preceito divino. O próprio consentimento já é um pecado, independente de qualquer ação externa, cuja perpetração só não é executada por medo do castigo.

Quanto aos justos que vivem pela fé, eles não têm então nenhuma necessidade de dizer: *Perdoai nossas ofensas assim como perdoamos aqueles que nos têm ofendido*[371]? Eles veem como mentira o que está escrito: *Ninguém que viva é justo diante de vós*[372]? E também: *Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós*[373]. E ainda: *Não há homem que*

[371] Mateus 6: 14.
[372] Salmo 142: 2.
[373] 1 João 1: 8.

não peque[374]. E mais: *Não há homem justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar*[375]. E outras passagens semelhantes tiradas das santas Escrituras. Observemos na última passagem citada que o escritor sagrada não usa o verbo no passado: *que não pecou*, mas sim, no futuro: *sem jamais pecar*.

Como estes oráculos não podem ser falsos, a consequência que devemos tirar deles é que ninguém nesta vida é absolutamente isento de pecado, qualquer que seja o grau de justiça que ele tenha atingido. Desta forma, todos devem dar para que lhe seja dado, deve perdoar para que lhe seja perdoado[376]; se possui qualquer grau de justiça, não deve atribuir isso a si mesmo, mas à graça de Deus, a única que justifica; deve mesmo ter sempre fome e sede de justiça[377] e pedi-la a Deus, que é o pão vivo[378] e a fonte de vida[379], que, mesmo justificando seus santos nas provas desta vida, concede abundantemente àqueles que o imploram e perdoa misericordiosamente as faltas que eles confessam na humildade de seus corações.

---

[374] 1 Reis 8: 46.
[375] Eclesiastes 7: 20.
[376] Cf. Lucas 6: 38 e 37. *Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á. Colocar-vos-ão no regaço medida boa, cheia, recalcada e transbordante, porque, com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos vós também*.
[377] Cf. Cf. Mateus 5: 6. *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!*
[378] Cf. João 6: 51. *Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que eu hei de dar é a minha carne para a salvação do mundo*.
[379] Cf. Salmo 35: 10. *Eles se saciam da abundância de vossa casa e lhes dais de beber das torrentes de vossas delícias, por que em vós está a fonte da vida e é na vossa luz que vemos a luz*.

Capítulo LXVI

A Deus é possível realizar no ser humano atual a perfeição absoluta. Por que não o faz é um mistério profundo.

Mas que encontrem, se puderem, dentre aqueles que ainda se encontram sob o peso da corrupção desta vida, um só que não precise da clemência e do perdão de Deus.

Uma pessoa assim não pode ser encontrada, a menos que ela esteja, não digo esclarecida pela ciência da Lei, mas ajudada por uma verdadeira infusão do espírito da graça. Uma pretensão assim não seria apenas um crime, mas uma impiedade sacrílega.

Que sejam estudadas as passagens das santas Escrituras em seu sentido natural e necessário e ali será encontrado o convencimento de que a perfeição da justiça não pode ser encontrada em nenhuma pessoa nesta terra.

No entanto, não se pode sustentar que Deus não tenha o poder de prestar à vontade humana um socorro tal que se realiza para tal pessoa em particular e em com toda sua perfeição, não apenas a justiça que vem da fé[380], mas também aquela que nos está reservada no céu, quando veremos Deus face a face.

[380] Cf. Romanos 10: 10. *É crendo de coração que se obtém a justiça*.

Se fosse do agrado de Deus revestir o ser humano terrestre com a incorruptibilidade celeste[381]; isentá-lo da morte no meio de seus irmãos condenados a morrer; destruir inteiramente a antiga natureza má, de maneira que nenhuma lei dos membros repugne a lei do espírito[382]; dar-lhe um conhecimento de Deus sob todos os pontos semelhante àquele que os santos possuirão na morada da glória; que insensato ousaria afirmar que essas ações, por mais prodigiosas que elas sejam, não seriam possíveis ao poder divino?

Mas eis que há os que perguntam por que Deus não realiza em ninguém esse feliz estado. Aqueles que fazem este questionamento queiram se lembrar de que são humanos.

Eu sei que não pode haver em Deus a impossibilidade e nem a iniquidade[383]. Sei também que ele *resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes*[384]. Sei ainda que o Apóstolo, a quem foi dado um espinho na carne, um anjo de Satã para esbofeteá-lo e sufocar nele todo sentimento de orgulho[385], ouviu estas palavras, em resposta à ardente prece que fez por três vezes: *Basta-te minha graça, por que é na fraqueza que se revela totalmente a minha força*[386].

---

[381] Cf. 1 Coríntios 15: 53.
[382] Cf. Romanos 7: 23.
[383] Cf. Romanos 9: 14. *Que diremos, pois? Haverá injustiça em Deus? De modo algum!*
[384] Cf. Tiago 4: 6.
[385] Cf. 2 Coríntios 12: 7. *Para que a grandeza das revelações não me levasse ao orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás para me esbofetear e me livrar do perigo da vaidade.*
[386] 2 Coríntios 12: 9.

Reconheçamos aqui a sabedoria e a profundidade dos decretos de Deus, que quer livrar os justos do pensamento de entoar seus próprios louvores e só dar aos seus lábios o poder de se abrir para cantar a glória de Deus.

Quem é capaz de escrutar, aprofundar e conhecer esses mistérios? Pois, *impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos! Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro? Quem lhe deu primeiro, para que lhe seja retribuído? Dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele a glória por toda a eternidade! Amém*[387].

[387] Romanos 11: 33-36.

Créditos

De spiritu et littera

© 412: Aurelius Augustinus Hipponensis
© 2018: Teodoro Editor - Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Tradução: Souza Campos, E. L. de, de *De l'esprit et de la lettre*. Tradução do latim de M. Abbé Burleraux, in *Oeuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-le-Duc, 1869.

Cotejado com *Del espíritu y de la letra*. Traducción: Emiliano

López, OSA

e *Lo spirito e la lettera*.

Revisão, diagramação, notas adicionais e edição: Souza Campos, E. L. de

Conteúdo

O espírito e a letra 1

Capítulo I 1

Capítulo II 2

Capítulo III 3

Capítulo IV 4

Capítulo V 5

Capítulo VI 7

Capítulo VII 9

Capítulo VIII 11

Capítulo IX 12

Capítulo X 14

Capítulo XI 15

Capítulo XII 17

Capítulo XIII 19

Capítulo XIV 22

Capítulo XV 23

Capítulo XVI 26

Capítulo XVII 29

Capítulo XVIII 30

Capítulo XIX 33

Capítulo XX 35

Capítulo XXI 37

Capítulo XXII 40

Capítulo XXIII 43

Capítulo XXIV 45

Capítulo XXV 47

Capítulo XXVI 50

Capítulo XXVII 51

Capítulo XXVIII 53

Capítulo XXIX 54

Capítulo XXX 55

Capítulo XXXI 57

Capítulo XXXII 60

Capítulo XXXIII 61

Capítulo XXXIV 62

Capítulo XXXV 65

Capítulo XXXVI 66

Capítulo XXXVII 68

Capítulo XXXVIII 70

Capítulo XXXIX 71

Capítulo XL 73

Capítulo XLI 76

Capítulo XLII 79

Capítulo XLIII 81

Capítulo XLIV 82

Capitulo XLV 85

Capítulo XLVI 87

Capítulo XLVII 90

Capítulo XLVIII 91

Capítulo XLIX 95

Capítulo L 97

Capítulo LI 101

Capítulo LII 104

Capítulo LIII 106

Capítulo LIV 108

Capítulo LV 111

Capítulo LVI 112

Capítulo LVII 117

Capítulo LVIII 119

Capítulo LIX 122

Capítulo LX 125

Capítulo LXI 128

Capítulo LXII 128

Capítulo LXIII 131

Capítulo LXIV 133

Capítulo LXV 136

Capítulo LXVI 140

Créditos 143

Conteúdo 144